

AS DUAS RAÇAS

NOUS AVIONS tiré le dieu Eros de cette onde, et nous sentions
maintenant qu'il avait rallumé en nous les âmes ardentes de
nos ancêtres.

EDGARD POE.

*Eu sou filho da Hellade, ou de alta estirpe oriundo
Da Gallia, e aqui nasci nesta onda de calor.
E a Flôr de Sol da tribu, o cacique jocundo
Fel-a um dia mulher do audaz Conquistador...*

*A minha raça as náus bojou de ouro no fundo;
Depois lançou a morte á tua, todo o horror,
E partiu; mas fiquei, réstos do celho mundo,
Sem saber o que sou: vencido ou vencedor...*

*Mas tu trazes nas mãos a flexa hervada, filha
Da brasileira floresta, e o ar de lucta e carnagem.
Eu ergo a espada de Toledo, que em mim brilha.*

*Se da gloria commum nascemos ambos, erra
Sobre nós dois o teu heroismo de selvagem,
E sonho que hei de ser um bello heróe na guerra.*

MANUEL DE AZEVEDO.

INICIAÇÃO DO SONHO

*Quando abri os meus olhos para a vida,
No meu grande desejo de viver,
Eu bem vi uma sombra indefinida
A grande alma das cousas envolver.*

*E de então a belleza do meu sonho,
Tão rutilante nos seus brilhos reaes,
Transfigurou-se no feitio tristonho
Da belleza dos sonhos immortaes!*

*A grande luz do sol diminuiu,
Emurhecendo o seu brilhar profundo...
E ante meus olhos subito cahiu
Uma sombra infinita sobre o mundo!*

*E esta sombra bemdicta que eu proclamo,
Amorteceu todo clarão superno!
E' por ella que eu louvo, canto e clamo,
A belleza da vida e o Sonho eterno!*

*O' meiga Musa! em tuas mãos deponho
A minha vida e os meus cantos reaes!
Sou feliz porque tenho n'alma um sonho,
Da belleza dos sonhos immortaes!...*

A UM POETA

*Quando sentires o amargor da vida,
Nos teus labios anciosos florescer,
Não procures jamais emudecer,
A emoção de tua alma dolorida...*

*Si o Destino indeciso te intimida,
E o teu orgulho não souber soffrer,
Não deve o coração nunca esquecer,
A existencia que já foi vivida...*

*E si o teu Canto for um hymno ufano,
Consagrador da lucta e da victoria
Do ideal do Coração humano,*

*Terás no fim da vida a verde Palma
— Que illumina o Poeta em sua gloria, —
E a belleza de um sonho dentro d'alma...*

SONETO DE AMOR

*Bemdicta seja a hora afastada e distante
Em que surgindo toda aureolada em ventura,
Tu fizeste de meu coração palpitante
O eterno adorador de tua alma tão pura.*

*Com a tua bondade eterna e emocionante,
Afastaste de mim os dias de amargura,
E em minh'alma nasceu uma canção radiante,
Que veio illuminar minha vida futura...*

*Não preciso de força humana que me anime ;
Pois basta para mim a luz consoladora
E a benedicta expressão do teu olhar sublime.*

*E foi um gesto teu, augusto e soberano
Que ao meu olhar mostrou a força irradiadora
Das divinos portaes do coração humano !*

RODRIGO OCTAVIO FILHO.





A AMERICA E A GUERRA ⁽¹⁾

A NAÇÃO

Foi com um artifice destes que a nação se fez. Vós vos recordaes das circumstancias, porque são de hontem.

Tres guerras planejou friamente Bismarck e tres guerras levou integralmente a termo. Difficuldades houve, e sem conta. Lutas de toda ordem explodiram. Jorrou o sangue em borbotões. Por vezes a vontade se lhe pareceu dobrar ao fragor dos successos, mas foi transitorio. E, acima de tudo, dos acontecimentos, dos conflictos, dos homens, das cousas, uma só entidade sobressahia incolume, dominadora, cada vez mais potente e autoritaria, a do chanceller.

O *junker prussiano* não se enganava ao sonhar para a sua patria, a Prussia, a hegemonia na confederação germanica. Era preciso reunir todas as provincias esparsas e dar-lhes vida sob seu bastão de commando: elle e ella, a cabeça um, o braço outro, ambos creados para crescer, medrar, progredir desmedidamente. Não fora tambem o congresso de Vienna o resumo perfeito do que movia a Prussia no seio das irmãs allenas? "A constituição physica da monarchia faz da ambição ali uma necessidade. Todo pretexto lhe é bom. Nenhum escrupulo a detem. E' a conveniencia o seu direito." Prescrevendo assim as instruções aos seus embaixadores no congresso, dir-se-lia sentir já Luiz XVIII a ferida futura no coração da terra natal, prefaciando o que um grande dos tempos actuaes, em luta contra a barbaria, synthetisou magistralmente: "A Prussia não é um estado, a Prussia não é uma nação, a Prussia é um exercito..." Ah, que admiravel vingança para a humilhação de 1806!

Tinha Goethe aconselhado os seus compatriotas a se abaterem, durante trinta annos, de pronunciar a palavra sentimento. Bismarck

(1) Vide n.º de Dezembro de 1918.

vae ser o executor desse lemma cruel, inaugurando a politica de absorção germanica por uma conquista que foi quasi um passeio militar. Eu me refiro á sua primeira campanha, a guerra dos ducados. Ahí terçou armas e ahí fez-se respeitado universalmente. Antes de mais nada carecia a Allemanha de expandir-se para o norte e por elle começou a crescer. Bismarck forja um pretexto qualquer de hostilidade, e, com a alliança da Austria, arrebatá á Dinamarca o Schlesvig. Kiel pertence-lhe por direito de conquista, para constituir base naval de primeira ordem. Á Europa mal informada ainda, vacillante, deixa-o executar o que planeja e commette o seu primeiro crime, — a contemplação impassivel de um assalto inaudito, que vae ter echo adiante e findar num inferno universal de sangue... "Dous colossos precipitam-se sobre a pequena Dinamarca, diz uma pagina eloquente, e alcançam o que querem, não sem algum esforço, porque os dinamarquezes lutaram até o ultimo momento pela honra da bandeira, á espera dos soccorros inglezes e francezes que não chegaram..."

Precedente! lamentavel, elle consolida-se mais tarde, ante a invariavel indifference continental. Dois annos depois, em 1866, receioso de sua alliança de hontem, Bismarck medita cahir sobre ella, esmagal-a tambem, diminui-a, vencel-a. Não deseja mais, porque della quer servir-se depois, na terceira luta que estuda sobre a linha azul dos Vosges. E' a guerra contra a Austria.

Para a provocar, jogou prestigio, popularidade, saude, tudo. Não se podia comprehender que quizesse a Allemanha romper com a vizinha e amiga, mas Bismarck tinha suas razões e foi até o fim. Cumpria provocar a guerra, abaxiar a potencia rival em beneficio proprio, consolidar o pedestal da grandeza germanica de modo incontrastavel e definitivo. Foi o periodo mais amargo de sua vida, mas Sadowa recompensou-o. Da penna que me fornecer aqui estes ensinamentos sombrios, não posso deixar de citar uma passagem fiel, porque dá bem conta dos extremos da luta e como nella se movem o chanceller. "Aquelles que se approximaram d'elle nessa epoca, pasmaram da sua serenidade. Embora assaltado pelas mais graves preoccupações, simulava uma attitudo perfeitamente tranquilla. Sabia que seu governo não era popular, e não se alterou. Tinha contra si a côrte, o principe real, a rainha, a princeza, o partido feudal e os liberaes. Não se temia delles, certo de que seu Rei lhe era obstinadamente fiel. Ahí estava a sua força. Seus olhos tinham lampejos quando se falava de uma opposição invencivel, mas logo retomava sua placidez allemã. A fronte, alta e larga, parecia cheia de pensamentos formidaveis..."

Dessa disposição de luta, vós conheceis o resultado: — uma serie de batalhas felizes, e, ao cabo dellas, a victoria completa, depois de um esforço sobrehumano para não mutilar o vencido, e somente abatel-o na sua presumpção reconhecida. Notae a visão do homem de estado, a quem não repugna, para obtenção do que almeja, nem mesmo o recurso



artificial da lagrima, e que vai dizer ao estado maior impaciente, aos regimentos cheios de ardor, á tropa triumphante, contra os desejos de entrada em Vienna, a palavra de estudada moderação: "A conveniencia ordena, não pedir depois de uma victoria o que se poderia arrancar ao adversario; mas pretender somente os resultados impostos pelas necessidades politicas..." E' com esta escola que provoca quatro annos depois Sedan para esmagar a França e deixar consumir-se a espoliação da Alsacia Lorena.

Agora não existem mais obstaculos interiores e tudo são glorias para Bismarck. Sua estatua consagrará mais tarde a glorificação, num grito de guerra que é um desafio sem resposta: *A Allemanha só teme a Deus na terra*. Divergencias internas desapareceram. Sua mão de ferro acabou com as ultimas impaciencias. Elle é todo poderoso e tudo prepara para chegar á guerra. Preciso recordar o que foi 1870? Firmada hoje sem reboço, na sua terra mesma, a doutrina do farrapo de papel como a expressão da honra nacional, sahio-lhe a campo a consciencia liberal do mundo, evocando-a nos seus mais escondidos pormenores passados: A Inglaterra, displicente; nascendo para a vida, a Italia; em França, uma cabeça coroada instaurando, para sacrificio proprio, o principio das nacionalidades. Não vê Napoleão III, não vê o mundo, que ao seu lado, no seu flanco mais vulneravel, se apparella uma nação poderosa e rica, para a qual a justiça não conta e o direito dos fracos não passa de um escarneo. Quando abre os olhos é tarde: invadidas as fronteiras, desbaratados seus exercitos gloriosos, Bazaine rendendo-se com a flor das armas francezas, e acima de tudo e fecho de tudo, a proclamação da unidade allemã em Versailles com a coroação do imperador, a glorificação de Bismarck e a perda de duas provincias caras. O Congresso de Berlim completou a obra.

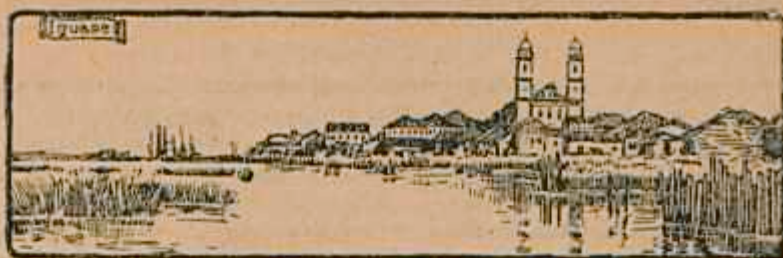
Foi dessa guerra iniqua, friamente preparada e executada, que nasceu a guerra universal de hoje. Acaso existe motivo de espanto para a Belgica violada, quando desde meio seculo antes é o confisco do alheio que se prega na Allemanha e a falsificação de um telegramma se exhibe ali com orgulho para justificar a provocação? Roon, Moltk, Bismarck: são de hontem os personagens, como de hontem data, em Ems a scena singular. Eu não a evocarei, senhores, vós a conheceis assás e sobre ella pronunciou a historia sua condemnação inappellavel. Direi apenas que datou de então a hegemonia germanica sobre o mundo, com seus processos menos nobres, suas desmedidas ambições, suas cruéis e inauditas praticas de guerra. "Não convém que a impressão que se tem de nosso poderio seja diminuida, aconselhava-se além do Rheno. Ao contrario, cumpre augmental-a sempre. Não se olhem armas para isso. Na luta para a vida e a gloria, tudo serve." Código de autoritarismo e de oppressão, elle passa da dynastia para os lyceos, e envenena um povo até suas raizes mais fundas. Moços e velhos, ricos e pobres, homens, mulheres, crianças, civis, soldados, todos afinam pela mesma cartilha, enquanto a grande Allemanha o *Deustchtum*, povoa de sonhos e ambi-

ções a todos os peitos. Que seria desse imperio glorioso se se houvesse inspirado para o bem? Mais tarde elle fará uma confissão rude, e bem se verá quão inutil será nortear-o na estrada dos outros. "Somos uma nação de 65 milhões de homens. Crescemos um milhão por anno, e falta-nos ar no territorio que occupamos. Pediremos terra á vizinça, e ella por persuasão ou pela força nol-as terá de ceder". O paiz era o homem. E o homem tinha confessado: "O Direito não se ha de fazer valer senão pela força das bayonetas".

(Continúa)

HELIO LOBO





PERLUSTRAÇÕES MEDICAS

PERGUNTAS FACEIS E RESPOSTAS DIFFICEIS

A curiosidade é uma força.

Somos curiosos no mais alto grão. As nossas células cerebraes são solidarias no trabalho constante de perquirição. Certo instinto nos arrasta sempre não só a desvendar os menores segredos, os mais insignificantes, como a nos desavencilhar de meandros labyrinthicos do incognoscivel.

Resolver um problema, achar a chave de um enigma universal ou simplesmente — matar uma charada, — eis um dos fracos do homem!

Sim, «l'homme est avide d'explications. Il faut qu'on lui montre sa vie». Maeterlinck com estas poucas palavras estuda psychologicamente uma das particularidades da cerebração humana. Elle sabe que nos neuronios e fibras de associação se escondem, ao lado das forças instinctivas da conservação individual e da especie, o instinto da curiosidade. Este não tem sido dissecado pelos estudiosos como os outros, mas sabe-se que é innato no homem e soffre a influencia do meio.

Não fôra a curiosidade e estariamos ainda nas mesmas condições da aranha que tece a sua teia ou do joão-de-barro que faz a sua toca, sem indagar do motivo por que o fazem. A maioria dos instinctos, por serem instinctos, não se caracterizam por actos de intelligencia, como o da curiosidade que nasceu e se desenvolvem com ella. Curiosidade e intelligencia nos tornam conscientes dos nossos actos, nos dão o «poder de determinar nossas acções» na expressão de Richet.

O nosso psychismo é incansavel e insaciavel; dotou-nos a natureza de notavel dom de analyse. Os órgãos dos sentidos recebem as excitações exteriores, recolhem as impressões pelos seus receptores,



afanosamente as transmitem ao centro de convergência que as recebe, transforma e aprecia. A curiosidade é o hypersensibilisante.

Soffremos da gula do saber. Arrasta-nos o desejo de solapar o imperio do Ignoto, de esmiuçar os recantos desse esconderijo de «eternas e santas verdades».

Mas a curiosidade humana nunca será saciada, circumstancia esta de valor capital porque «no dia em que todas as cousas fossem explicaveis, no dia em que a Logica presidisse a vida do mundo physico e do mundo moral, a humanidade encher-se-ia de tédio. Nós vivemos para não saber, para indagar, para duvidar, para ansiar. Desgraçados serão os que souberem: estancada nelles a fonte da curiosidade e da duvida, a sua existencia passará a ser insipida e desesperada. Felizmente, supponho que nunca ha de chegar essa era da completa sabedoria». Estas palavras são de Bilac, pensador e poeta muito nosso amigo, que as derramou ao bordejar o assumpto intitulado — Civilisação.

A ignorancia é em determinado sentido, um bem. Vencendo-a sentimos o prazer da sabedoria. A natureza é avara e não satisfaz a curiosidade humana senão parcimoniosamente. Mas a curiosidade não se atemorisa ante abysmos a transpor; a viva força ella quer saltar os escolhos formidaveis, conhecer a essencia da vida, a sua origem. O afan não esmorece. As intelligencias luctadoras criam hypotheses, suggerem idéas theologicas e theorias philosophicas, como pontões para abordar a ilha dos XX. Mas quasi tudo em vão, a ilha continúa intangivel. Todavia, errando, tecendo fantasias, a idéa vai avançando. Não nos descoroçoamos; longo disso: o espectáculo dos erros humanos, diz-nos alguem, deve dar-nos confiança no futuro: elle demonstra o poder infinito do espirito humano, e prova a evolução continua da sciencia. Demais, «a humanidade marcha não do desconhecido para o conhecido, mas do erro para a verdade».

Todos os tempos se parecem. Em todos elles os homens foram curiosos e credulos. Eram e são ainda hoje, quasi sempre, facéis em acreditar theorias. Importam muito, para a acceitação sem relutancia, as credencias do theorista. Vejamos exemplos:

— Como foi feita a terra? pergunta alguem.

Uma voz se levanta, e responde, ainda hoje, no mesmo diapasão das eras chaldaicas e babilonicas, pelos versiculos do Genesis:

— Pelos dedos do Creador.

Ouvidos ouviam e a turba de curiosos, acenando com as cabeças em em signal de approvação não se contem, — sanciona a decifração do enigma com um — Amen. Prompto. Nenhuma explicação mais concisa e facil. Os seculos passaram. Os espiritos se cultivaram e a razão preponderou. Insistentemente a mesma voz repete a explicação, mas como já está rouca de gritar, pouco é ouvida.

Apparece Laplace. Sem que ninguém lhe perguntasse, vae elle, de accordo com Descartes, Kant, Herschell, explicando a seu modo, a origem e a formação da terra.



—Vamos, diz o illustre scientista, admittir um sol. Deste se desagrega uma parte sob a forma de uma massa incandescente.

Bem, e então?

Ella sãe pelo espaço a girar. Animada por um rapido movimento de rotação ao redor do seu eixo, girando, girando, vai se achatando nos polos e dilatando no equador. Pouco a pouco a massa se esfria pela irradiação calorifica. Começa a se formar a crosta. As aguas oriundas da liquefação dos vapores accumulam-se na superficie. Formam-se os oceanos. As cousas assim se foram arranjando té que a terra promptinha servio de berço á humanidade.

Voltemos aos velhos tempos. Um curioso pergunta:

— Como veio ter ao mundo o primeiro homem?

Aquella voz, á qual já nos referimos, pela fã no primeiro livro de Pentateuco de Moysés, responde, mai á vontade:

— Foi obra do Creador.

Estamos porém no seculo XX; a curiosidade dos homens é mais exigente e a não serem alguns conservadores, a maioria já não se contenta com essa explicação do povoamento do solo.

Haeckel veio resolver a questão a contento dos espiritos da era contemporanea. Depois de muito procurar, havia encontrado o sabio anthropologista uns ossos.

— Vejam, é o esqueleto do *Pithecanthropus erectus*, representante intermediario entre os homens e os anthropoides. A' vista deste especimen assevero que o macaco é o nosso tronco genealogico de origem.

Algun curioso que ouviu a lição, dominado pelo instincto irrefreavel da curiosidade pergunta então:

— E os macacos, e os outros animaes como se originaram?

— Da monera, retruca Haeckel.

Ficamos, pois, sendo descendentes de uma serie de primatas terciarios e originaria na phase inicial do sér n. 1 que o sabio acima referido denominou monera, e disse representar o elemento de transição entre os animaes e vejetaes.

Teriam os curiosos ficado satisfeitos com essa exposição tão simples? *Ignoramus!*

Errada ou certa, eis ahi, como nos nossos dias] se admittie a origem da Terra, do Homem e dos animaes. Si não for verdadeira a theoria, admittamos a sua plausibilidade, até segunda ordem, certos de que «fazer a historia do erro, é fazer a historia do progresso».

A curiosidade humana nunca se satisfaz. E com isso scientistas se barafustam com ancia nos livros, anthropologistas se enterram nas areias do Egypto, e pesquisadores se mitram olhando para as suas retortas de experiencias. Graças a elles — a sciencia caminha.

Para Edison a curiosidade é doentia, porque na sua opinião não se deve desejar saber o que se passa no seio de Marte, quando ainda se não conseguiu saber o que se passa no cimo do Hymalaya. Muito embora . . . Copernico, Kepler, Galileu, Descartes e Newton, os cinco



maiores homens da nossa raça, no dizer de White, deram ao mundo uma nova revelação divina». O primeiro, celebre astrônomo, demonstrou o duplo movimento dos planetas sobre si mesmos e em torno do sol; Kepler enunciou as leis que têm seu nome; Galileu descobriu as leis do pêndulo e que o sol e não a terra é o centro do mundo planetário; Descartes, o autor do Discurso sobre o método, com o seu *cartesianismo* e Newton com a lei da gravitação impelleram a ciência para a frente.

Não é só. Seria um nunca acabar de citações si fossemos nos referir às maravilhas da cerebração humana deslocadas por diversas alavancas, entre ellas, a curiosidade.

O alchimista, quasi sempre representado por um velho alquebrado e de longas barbas brancas, na ancía de *fabricar* ouro pela transmutação de metaes, na curiosidade de resolver a pedra philosophal que devia operar esse milagre, no desejo utópico de descobrir o elixir de longa vida, fez como o caçador que atirou no que viu e acertou no que não viu — deu nascimento à Química!

E a medicina? Desde que apontou ao som dos canticos dos hymnos do Rig-Veda, engatinhando pelos campos philosophicos do vitalismo, do humorismo, do naturismo, veio, em nossos dias, se assentar nos pedestaes pasteurianos e listerianos. Os esculapios eram fortalecidos pela curiosidade, da mesma forma que os astrônomos e alchimistas.

A curiosidade é uma das divisões da vontade. A primeira é a curiosidade sã d'aquelles que procuram explicar os phenomenos desconhecidos que se manifestam ao seu redor. A morbida é a que se manifesta e se desloca para os dominios do capricho: é a curiosidade dos hystericos, dos psychopatas.

A curiosidade infantil é mais um instincto reflexo, nascido da necessidade de conhecer o meio onde vai travar as luctas da vida. E' a curiosidade innocente e leviana que lhe dá o conhecimento, muitas vezes, pela dura experiencia da dôr. E' queimando-se que a criança aprende o que é o fogo!

Dizem, não somos nós, que a curiosidade é apanagio das mulheres. Nestas ella é buliçosa e nervosa, impelle-as a esquadrihar as pequeninas cousas como o astrônomo investiga com as suas lunetas de longo alcance as nebulosidades do ceu.

A curiosidade não deixa de ser um nó gordio para o medico, que, representando o papel de oraculo para os seus doentes, deve informal-os das suas curiosidades, das suas duvidas, da razão de — porques — às vezes irrespondíveis por diversas circumstancias.

Em Epidauro existio o celebre oraculo de Esculapio, deus da medicina, que respondia pela bocca de uma sybilla às perguntas que lhe faziam. O curioso entrava pelo templo de Epidauro, donde se exhalavam vapores talvez mephiticos, com a mesma ancía com que entram os doentes de hoje nos iodoformados consultorios medicos. Naquelles tempos, como agora, nunca deixou o curioso de receber a devida resposta à sua pergunta. E' que a sybilla como o medico, garantidos

pela sua situação privilegiada de prophetas, desobrigam-se das obstinantes inquirições à maneira dos theologos quando explicam a criação da terra.

Quando o curioso é culto e o medico não pode esquivar-se à resposta à situação é, em certos casos, difficil, mas nunca embaraçosa para o interpellado estudioso. Pode-se não dar a explicação exacta de um phenomeno, mas conhecendo-se as sciencias basicas, a physiologica em primeiro lugar, está-se apto a interpretar qualquer manifestação normal ou anormal por mais estranha que ella pareça ser.

Quantas vezes, não temos sido perguntado por um consulente, que á viva força quer saber a razão do seu temperamento nervoso, da sua magreza ou obesidade, da sua calvicie precoce. A diathese arthrica sendo um conjuncto de perturbações que se traduzem por manifestações varias e caprichosas, serve como bôde espiatorio para muitas fugidas. O cliente quer saber, o medico tem o dever de lhe dizer o seu mal.

Imagine então o leitor a situação do medico quando, certo de ter satisfeito o doente, é por elle interrogado :

— Mas dr., que vem a ser diathese arthritica ?

E' uma bradytrophia na opinião de Landouzy, uma autointoxicação, um envenenamento chronico, é o mal da moda, do seculo.

— Mas como se processa esse envenenamento chronico ?

Vamos nos comparar ás machinas de estrada de ferro que para rodar precisam de combustivel. O combustivel animal é o alimento que ingerimos e o combustivel da machina é a hulha. Pois bem, ambos se queimam para produzir calor. Ambos eliminam as cinzas resultantes da combustão. Supponha que esse carvão queimado e as cinzas da machina não são postos fóra. Que acontece ? Abafam as branzas, a machina começa a perder a sua força, a mangar e . . . pára. Assim dá-se com os arthriticos, cujas grelhas, os rins e outros emunctorios, não funcionam bem ou são affligidos com os residuos em excesso para eliminar. Estes accumulam-se e agem irritando as cellulas nervosas.

— Ah! está o motivo do seu nervosismo.

Os accumulam-se no bulbo piloso e . . .

Ahi está a causa da queda dos cabellos, etc.

Si o doente não comprehendeu é justo que se dê por satisfeito e deixe o medico em paz !

Nunca se deve esquivar a responder a um doente. Nunca dar explicações com termos incompreensíveis aos leigos.

A's vezes os curiosos não são doentes. Encontrando um esculapio perguntam-lhe por exemplo :

— Porque é que o cachorro de rabo cortado não tem filhos sem o appendice caudal ?

— Pela mesma razão por que um individuo que perdeu um braço num desastre não tem filhos sem braço.

Mas o curioso não ficou satisfeito e insiste :

— Si cortarmos durante vinte gerações os rabos de todos os cães que nascerem, não conseguiremos por fim obter cães sem rabo ?



Não, diremos nós, pela mesma razão por que se explica a circuncisão dos israelitas !

Si fôssemos explicar a questão da herança das funções, que as particularidades anatómicas não são hereditárias, e mais ainda, como os criadores jogam com a lei da hereditariedade para obter um cão Fox Terrier sem cauda, não teríamos nesse dia tempo para outra coisa e arriscaríamos perder o nosso tempo pela colisão no cerebro consulente de tanta noção científica engarrafada sob pressão.

Um outro assumpto muito debatido nas conversações é o do «determinismo dos sexos». Já estamos enfastiados de perliustrar com o nosso raciocínio veredas tão tortuosas.

Ultimamente, com o enorme claro aberto na fileira masculina da Europa, perguntaram-se se seria possível descobrir um processo para fazer com que só nascessem homens para compensar o desfalque havido.

O curioso era lido e argumentou: si as abelhas produzem á vontade machos e fêmeas, si por meio de alimentação apropriada fazem com que as abelhas fêmeas sejam susceptíveis de se tornarem mães ou ao contrario infecundas (obreiras), porque nós, homens, com tantos conhecimentos não poderemos fazer o mesmo ?

Como de costume, resalvada a falta de modestia, respondemos: eis um porque — que desde 1672 não deixa a curiosidade humana em socego. Nesse anno Drellicourt, na sua *Apologia médica*, ennumerou 262 hypotheses relativas ao determinismo dos sexos. Declarou todas ellas sem fundamento. Não satisfeito, não se conteve ao desejo de apresentar uma. Com isso as hypotheses subiram a 263 ! Mas... Drellicourt tambem errou... ; e hoje, já no seculo XX, surge um illustre scientista que sem velleidades de formular mais hypotheses se contenta em declarar «não existe, e sem duvida felizmente, processo facil para se ter á vontade uma filha ou um filho.»

Já vê o leitor que respondemos na medida das nossas forças ás perguntas que nos fizeram e asseveramos mais, por enquanto ou sempre existirão *porquês* que envolvem causas iniciais e finais para as quaes as respostas serão hypotheses. Mas nos embarçamos ! ! Isso só nos aconteceu uma vez e... poderá ser muito provavel que se repita. Certo, depois da consulta, indaga-nos uma graga em francez duvidoso, como tomaria o medicamento por nós receitado. Explicamos. Não comprehendem. Recorremos ao vocabulario polyglotico, em vão. Subitamente a doente resolve o problema, tirando-nos do embaraço e dizendo-nos em bom portuguez o que não foi possível dizer em outras linguas de modo diplomatico.

Estamos certissimos da curiosidade do leitor !

E isto proya, que a curiosidade é uma força, que ás vezes, torna-se braza. Perguntas são todas facéis de se fazer; respostas, essas sim, representam sões para muitos Icaros !

DR. RENATO KEHL.





CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS À MARGEM DO RELATORIO
DO DR. NEIVA SOBRE O NORTE.

III

«Da Alagoinha em diante, a zona é evidentemente semi-árida; e revolta ao mais alto ponto, a destruição da pouca vegetação existente; as principaes responsáveis ali são a E. de F. S. Francisco e a Companhia de Viação Fluvial.»—*Dr. Neiva*, pagina 77.

Eis ali o principal factor da formação do deserto em o nordeste: «a destruição da pouca vegetação existente». E' um facto doloroso constatar que nessas regiões a matta está desaparecendo.

Só no rio Parnahyba ha uma extensão de 1.215 kilometros, em que se corta lenha para os navios, e outros tantos nos rios Itapicuri e Mearim.

Tres meios efficazes existem para corrigir o grande mal: —primeiro, regularização ou transformação da navegação dos rios; segundo, plantação de essencias florestaes, prohibindo-se o corte de arvores uteis; terceiro, punir o incendiario das mattas.

Num prazo não muito longo, pode-se transformar a navegação dos rios. O Governo prohibirá que se lance ao rio uma embarcação cujo motor gaste lenha, e não consentirá que as velhas embarcações sejam reparadas. Todo barco velho deve ser posto de lado e substituido por um que preencha as condições exigidas pela lei.

Os novos navios só poderão ser accionados por motores de explosão. São muitos os inconvenientes dos actuaes navios com motores de enormes caldeiras a vapor. Um motor de 50 cavallos necessita de uma caldeira que toma um espa-

ço precioso; a lenha, por sua vez, occupa um bom lugar e consome no carregamento, feito varias vezes ao dia, grande parte das horas destinadas á navegação.

A caldeira e o motor inutilisam as adjacencias já pela sujeira, já pelo alto calor, transformando o navio em um verdadeiro forno, principalmente quando está parado. Um tal mechanismo precisa de 3 machinistas, ajudantes, foguistas, etc., que representam não pequenas despesas. Finalmente, o peso da caldeira, agua, lenha e motor toma um terço da tonelagem do navio, senão mais, fazendo-o calar muito, razão por que as companhias ainda não conseguiram typos de navio que possam receber frete.

A's vezes, para o navio poder passar por um «rasio» reparte-se a carga. Ora, isto rouba muito tempo e faz a decadencia em que vivem as companhias fluviaes, que se não poderiam aguentar, se não fosse a subvenção dos Governos Estadual e Federal.

Todavia, sanam-se essas inconveniencias adoptando-se um motor de explosão, da força de 100 cavallos, o dobro, portanto, dos que geralmente se usam. Precisa elle de um lugar relativamente pequeno, podendo funcionar em compartimento fechado, limpo, revestido de azulejos. De distancia em distancia, conforme a capacidade do reservatorio de essencia, com a mesma facilidade com que as locomotivas tomam agua nas estações, o navio fará provisão de oleo, dispensando aquella turma de marinheiros e «embarcadigos», pois dois homens apenas seriam mais que sufficientes. O numero de homens para a machina e caldeiras poderia ser, tambem, reduzido a uns tres. Como estes motores não produzem calor, todo o navio poderia ser aproveitado para bem accomodar passageiros e cargas.

Não falando no enorme beneficio á collectividade, proveniente da conservação das mattas, seriam tamanhos os lucros directos das companhias que não se comprehende como não se ensaion já, nesse sentido, a transformação da navegação fluvial.

«E' facil supor-se quaes as consequencias de taes devastações adicionadas ás causadas pelas queimadas, que têm inicio em Outubro»—*Dr. Neira*, pagina 77.

O grande mal dos sertanejos é a inconsciencia com que commettem os erros, naturalmente devido á educação rudimentar que possuem. Quando o homem do sertão risca um phosphoro, e o abandona accessso numa touceira de capim secco, só tem em mira, ás vezes, ver as «linguas de fogo





GEORGINA DE ALBUQUERQUE

“Serra dos Orgãos,,



LECILIO DE ALBUQUERQUE

„Recordações,,

lambão agreste véio e a preá e o veado, entrá, que entrá damnado, prá se livrá do fogo».

Este mal, com um pouco de boa vontade da parte dos homens que estão na chefia dos municípios, seria grandemente remediado, pois por experiencia propria sei quão facil de ser disciplinado é o sertanejo.

Em primeiro lugar, nas escolas, os pequenos deveriam aprender a amar a natureza; e em segundo, as leis rigorosas poriam nos eixos aquelles que não quisessem corrigir-se.

«... o viajante lança o fogo a pretexto de preparar melhor pasto para as caravanas que se lhe succederem, pois o «agreste» depois de queimado, ao repontar, serve de melhor alimentação aos animaes.»
—Dr. Neiva, pagina 77.

O fogo, para criação de gado nas zonas do «agreste», é um mal necessario. O capim «agreste», como o «jaraguá», tornar-se-ia uma forragem intragavel si todos os annos não se renovasse pelo fogo. Mas, por causa de uma certa area aproveitada na criação do gado, não se queimem vastas extensões que poderiam ser aproveitadas para a formação de mattas. Não é problema muito difficil: é so isolar as pastagens por largos «aceiros», afim de que o fogo queime o «agreste» secco, respeitando as terras para a agricultura e para a formação de matta.

O que se procede, actualmente, principalmente nas zonas pastoris, é barbaro e constitue até um perigo directo para o homem.

As queimas do «agreste» têm dado lugar a scenas tragicas. No boqueirão da «Baixa do Boi», no municipio de Bom-Jesus, um pobre sertanejo, depois de apromptar a sua roça, ateou-lhe fogo. Como o «aceiro» não fosse muito largo talvez por causa da pressa em terminar o serviço — pois os matutos ajuizados dizem: de vagar, para andar depressa; — o fogo alastrou-se para o «agreste» e fechou a entrada do boqueirão, envolvendo o camponio de tal sorte, que, desesperado, não podendo escalar as ribanceiras altas e á pique, metteu-se numa toca, cavada no arenito da serra, em forma de forno. A que terrivel guarita o desgraçado, no seu desespero fora buscar refugio! Findo o fogo, os seus companheiros encontraram-no carbonizado...

«Sem excepção, em toda a zona, as roças são plantadas nas chamadas *coicaras*; isto é, porção de matta destruida pelo fogo, onde se semeiam



alguns litros de milho e feijão.— *Dr. Neiva*,
pagina 77.

O habito nomade dos sertanejos, que lhe não permite fixar-se num lugar por muitos annos, e o facto de todo o anno procurar novas terras para suas roças, em prejuizo da matta, é outro factor importante da formação do deserto, da aridez da terra. O agricultor nortista, o pequeno agricultor, «broca» o matto a foice; «roça» ou «derriba» as arvores grossas a machado. Feito isto, «pepina-se», isto é, cortam-se os galhos e os troncos das arvores grandes, afim de que o fogo as possa melhor reduzir a cinzas. Depois de alguns dias de sol, quando tudo está secco, e se o tempo promette chuva, mette fogo na roça, geralmente não acciada, ou deficientemente, de sorte que o fogo se propaga pelas mattas visinhas, pondo até as habitações em perigo, se o vento está «açoitando» para o lado das mesmas. Os restos mais grossos da vegetação, que o fogo não reduziu a cinzas, são «encoivados», amontoados e queimados completamente.

Sileicultura: Como complemento ás medidas que podem conter a marcha da formação do deserto no nordeste brasileiro e para contrabalançar as grandes perdas florestaes, dever se-á fomentar a plantação de essencias florestaes, que fornecsam madeira para carpintaria e marcenaria.

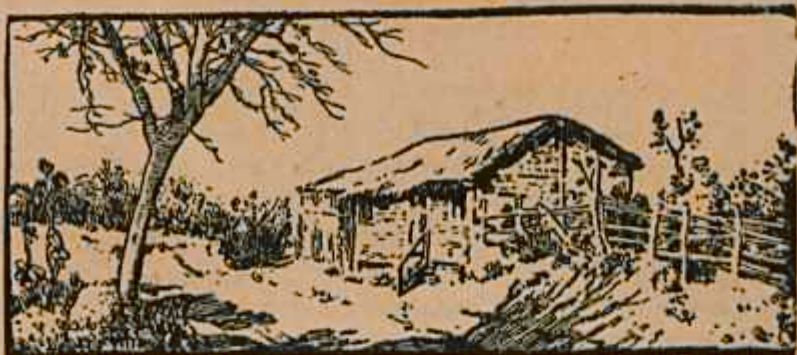
Desde 1913 que não me canso de aconselhar aos meus irmãos do Norte, que «esbarrem» o machado destruidor, e que lancem á terra sementes de arvores, taes como as de eucaliptos. Nós, brasileiros, que não gostamos muito de esperar que uma arvore «leve toda vida p'ra dar», temos no eucalipto, uma essencia florestal que está de accordo com a nossa pressa.

O Governo deve estabelecer premios para quem plantar um certo numero de pés. Neste particular seria bom que o Governo, depois de prometter um premio, não difficultasse ao agricultor o obtel-o, o arrancar-o do cahos da burocracia... Um agricultor do Piahy que fez jús ao premio de plantações de maniçoba, suon gottas de sangue para receber-o, e assim mesmo, reduzido, sendo preciso advogado e viagem ao Rio.

Si um grande patriotismo não erguer o braço dos homens que nos governam, si todos se não congregarem na vontade forte de bem servir esta grande patria, melhor é cruzar os braços, inclinar a cabeça, e resignadamente murmurar como o sertanejo nortista: é o geito...».

FRANCISCO IGLEZIAS





O FIGADO INDISCRETO

OU

O RAPAZ QUE SAHIA FORA DE SI

Que ha um Deus para os namorados e outro para os bebados está provado — *a contrario sensu*. Sem elles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a medo sem maiores consequencias além de sobresaltos desagradaveis, quando passos intempestivos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta?

Acontece, todavia, que esses deuses, tal qual Homero, cochilam: e lá parte o borracho o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra pilha Romeu e Julieta em flagrante contacto de epidermas, petrificando-os com o classico: «Oh! pouca vergonha!».

Outras vezes acontece os protegidos decahirem da graça divina.

Foi o que succedeu a Ignacio, o calouro. Por via disso perdeu elle de casar com a Sinharinha Lemos, boa menina, a quem cincoenta contos de dote tornavam optima.

Ignacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, sahia fóra de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro veio, como é natural, menos por obra sua que da menina, e da familia de ambos, concertadas tacitamente em conspirar contra o celibato do futuro bacharel. Uma das traças conspirativas foi o convite recebido por elle para jantar nos Lemos em certo dia de anniversario familiar commemorado a pertu.

Ignacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata. Floriu de orhideas a botoeira, friccionou os cabellos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se sahira da fôrma áquell'hora. Levou consigo, [entretanto, para mal seu, o acanhamento. E disso proveiu a catastrophe !...

Havia mais moças na sala, fôra a eleita, e caras estranhas vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade merecida por um possível futuro parente.

Ignacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galan a força que lhe attribuiam. Uma das moças, creaturinha requintada de malicia, muito «sahida» e «semostradeira», interpellou-o sobre o seu coração, suas idéas sobre amor e casamento e tambem sobre a «noivinha», tudo com meias palavras intencionaes, sublinhadas de piscadelas para a direita e esquerda.

Ignacio avermelhou, tartamudeando palavras desconchavadas, enquanto a endiabrada menina maliciosamente insistia:

— Quando os doces, seu Ignacio ?

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, fôram o que sahio do moço, incapaz de réplicas geitosas sempre que ouvia risinhos femininos em redor de si. Salvou-o, porém, a ida para a meza.

Lá, enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilibrio. O pobre rapaz, por dá cá aquella palha mudava-se de si para fôra, soffrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe D. Luiz a um bife de figado, sem consulta prévia. Exquisite dos Lemos: comiam-se figados naquella casa até nos dias mais solennes. Exquisite do Ignacio: nascera com a estranha idyosincrasia de não poder sequer ouvir falar em



figado. Seu estomago, seu esophago e talvez o seu proprio figado tinham pela viscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse Ignacio em contrariar-os: amotinavam-se, repellindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal o serviu D. Luiza, Ignacio avermelhou de novo e novamente sahi fóra de si. Viu-se só, desamparado e inerte, ante um problema de inadiavel solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras, o estomago encrespado de cólera a exigir com imperio o respeito ás suas antipathias. Parlamentou com o órgão digestivo, mostrou-lhe que mau momento era para uma guerra intestina. Tentou acalmal-o a góles de clarete, jurando-lhe mil promessas de futura abstenção. Pobre Ignacio! A porejar suor frio na aza do nariz, chamou a postos o Heroísmo, evocou todos os martyrios soffridos pelos christãos na era romana e os padecidos na era christã pelos hereticos, contou um, dois, tres, e *glug!* enguliu meio figado sem mastigar. Um góle precipitado de vinho rebateu e empache. E Ignacio, de olhos arregalados, immovel, esperou a revolução intestina.

Em redor, a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe todos de suspeitar o supplicio daquelle martyr posto a tormentos de uma nova especie.

— Milóca. Você já reparou na «ganja» da Sinharinha? disse uma sorrigaita de «belleza» no testa — está como quem viu o passarinho verde...

E olhou de soslaio para Ignacio.

O calouro, entretanto, não deu fé daquelle tagarellice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes visceraes. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda deante de si a segunda parte do figado engulhento. Era mister ataca-la e concluir de vez a ingestão penosa. Ignacio engatilhou-se de novo, e um, dois, tres, *glug!* lá rodou esophago abaixo o resto da miseravel glandula. O estomago, por inexplicavel milagre de polidez, não reagiu. Estava salvo Ignacio! E lentamente voltou a si, muito pallido, com o ar lorpa dos resuscitados. E riu-se. Riu-se alvarmente, de gozo, como ria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os

rumores do mundo, seu cerebro entrava a funcionar normalmente e seus olhos volveram outra vez ás visões habituaes. Estava nessa beatitude, quando:

— Não sabia que o senhor gostava tanto de figado, disse D. Luiza vendo-lhe o prato vazio. Repita a dôse !

O instincto de conservação em Ignacio pulou em guarda e fôra de si outra vez elle exclamou:

— Não, não, muito obrigado.

— Ora, deixe-se de luxo. Tamanho homem com cerimoniaes em casa de amigos. Coma, coma, que não é vergonha gostar de figado. Ah! está o Lemos, que se pélla por uma isca.

— Iscas são comigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com ellas ou sem ellas, nunca as enjeitei. Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação!

Veiu para o prato de Ignacio um novo naco, e este formidavel, dôse dupla. Não se descreve o drama creado no seu organismo. Nem Shakespeare, nem Maeterlink, ninguem dirá nunca os lances tragicos da estomacal tragedia sem palavras. Nem eu portanto. Direi somente que á memoria de Ignacio acudiu o caso da Nora de Ibsen e como ella elle aguardou disfarçadamente o milagre.

O milagre veio. Um creado estouvadão soltou o perú no collo de uma dama. Gritos, reboição, tumulto. Ignacio, num lampejo de genio, agarra o figado e mette-o no bolso.

Salvo ! Nem D. Luiza nem os vizinhos perceberam o truque, e o jantar chegou á goiabada sem maiores incidentes.

* * *

Antes da dançata, lembrou alguém recitativos e a espetadíssima Milôca veio ter com Ignacio.

— A festa é sua, dr. Ignacio. Nós queremos ouvir-o. Dizem que o dr. recita «admiravelmente» ! Vamos, um sonetinho do Bilac. Não sabe ? Olha o luxinho ! Vamos, vamos ! Repare quem está ao piano: é *ella* quem o vae acompanhar... Nem assim ? Máusinho ! Quer decerto que a Sinharinha inste?... Ora, até que enfim ! A Douda de Albano ? Conhe-

ço sim, é linda, embora um pouquinho fôra da moda. Toque a Dalila, Sinharinha, bem piano, assim...

Ignácio, vexadíssimo, vermelhíssimo, já em suores, foi para pé do piano, onde a futura preludiava a Dalila em surdina. E declamou a Douda de Albano.

Pelo meio dessa tragedia em verso, ali pela quarta ou quinta desgraça, uma baba de suor escorrida da testa parou-lhe na sobrançella, comichando como importuna mosca. Ignacio lembra-se do lenço e sacca-o fôra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaff* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do instincto, salvam a situação.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario phenomeno. Ignacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora deixar o piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro sem que ninguém lh'o pedisse. E' que o acorrentava áquella posto, novo Prometheu, o implacavel figado...

Ignacio recitava. Recitou o «Navio negreiro», «As duas ilhas», «Vozes da Africa», «O Tejo era sereno»,

Sinharinha, desconfiada, abandonou o piano. Ignacio, não. Recitava sempre. Recitou o «Corvo» de Edgard Poe, traduzido pelo sr. João Kopke; recitou o «Quizera amarte», o «Acorda donzella»: amontoou poemetos, modinhas e quadras.

Sinharinha, num canto da sala, estava chôra não chôra. Todos se entreolhavam aparvalhados: teria enlouquecido o moço?

Ignacio, firme. Completamente fôra de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquella festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos Luziadas. Declamou «As armas e os barões», «Estavas, linda Ignez», «Do reino a redea leve», o «Adamastor» — tudo!...

E esgottado Camões, ia-lhe sahindo um «ponto» de Philosophia do Direito — A escola de Bentham — a coisa ultima que lhe restava de cor na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e cahiu de costas, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamissima viscera de má morte.





O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor da Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração falhou, e que Ignacio mudou de terra. E sabem porque Ignacio mudou de terra? Aquelle major Lemos! O desalmado deu de espalhar pela cidade inteira que Ignacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato, não se contentava em comer delle e repetir, ainda levava escondido no bolso o que podia...

MONTEIRO LOBATO





VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIÁRIO)

1913

Em Paris. - Março, 21

— Chegámos quasi ao mesmo tempo. Precedendo-a um pouco, porém, já estou eu em confortavel quarto do Hotel do Louvre, com frio e fogão, telefone e banheiro, quando ella, a Primavera, fiel aos seus compromissos meteorologicos, faz, ás 5 horas 18 minutos e 6 segundos da manhã, sua entrada annual na patria das barricadas e da "mayonnaise."

Realizo um dos meus melhores sonhos. Vejo Paris. Respiro entre os descendentes desses "parisiis que tinham numa das ilhas dos Sequanas sua cidade de Lueotocia"; e, após bom somno, leitura do "Figaro", mau almoço e volta circular duma hora á cata da primeira impressão neste segundo formigueiro humano, subo o ultimo andar da torre Eiffel, onde sou recebido sem vento e sem chuva.

Estou trezentos metros acima do chão. Estou sobre os sete milhões de kilos de ferro, que Alexandre Gustavo Eiffel aqui empregou com metodo semelhante ao que o guiava, aprendiz em 1862-3, nos suportes da Grotafunda, na estrada de Santos a S. Paulo. Andam lá embaixo sete milhões de pernas.

Rodeio com o binoculo a grande metropole do pensamento humano. Quanta agitação! Nervosa, a cidade mexe-se, estremece.

(1) Vide numeros de Agosto a Fevereiro.

Mas eu já estive, no Brazil, em maiores alturas. A mania das ascensões levou-me aos 709 metros do Corcovado e aos 980 do Mestre Alvaro, tanto quanto me afastou, sempre, da baixada do Monte de Socorro e das planuras administrativas do Montepio.

Eiffel e Cheops.

— Para que serve esta torre? Passeio aereo? Fonte de renda? Observatorio? Posto telegrafico? Um pouco disso tudo, que para tudo isso presta o monumento, duplo em altura á piramide de Cheops, ficando-lhe porém muito abaixo na revelação do esforço e na significação científica. A torre-filha não vale a mãe-piramide.

Lembremos e assinalemos. A medida do meridiano terrestre, assim como hoje serve de base ao sistema metrico, serviu tambem á metrologia dos antigos povos. Laplace, para demonstrar os primeiros grandes esforços da medição da terra, serviu-se das relações que, entre si e com a longura da circumferência della, tinham as medidas empregadas por esses povos. A medição primitiva gerou um sistema completo de metrologia cujos vestigios ainda persistem, mas cujos elementos se perderam em revoluções físicas e moraes.

A grande piramide, á primeira vista parto do orgulho e da loucura, é todavia testemunho da sabedoria e providencia de Cheops, que legou aos vindouros não só o padrão eterno dum sistema metrico fundado na medição da terra, mas tambem a determinação da "Neomenia" pela illuminação total das quatro faces do monumento em tal tempo e latitude. O sistema metrico, vigorante entre os povos cultos, não é gloria exclusiva da França, mas herança a partilhar por toda a civilização.

Monarquismo. Brasileirismo.

— Vou ao "Bois de Boulogne, 7; Boulogne sur Seine"; apparecem-me o velho conde d'Eu e o moço d. Luiz de Bragança. Duas esplendidas horas de conversação sobre coizas do Brazil. Nem uma palavra de queixa. Gente boa. Gente branca por dentro e por fóra.

.....



Como é infame quem exila!

Intimações - Março, 22

— Demonstrativo de afabilidade, visita-me o ministro dr. Olintho de Magalhães. Intima-me a reclamar da legação tudo de que eu precisasse. Obedeço. Requeiro carta recommendando-me ao Observatorio Astronomico.

Quazi se encontrando com o illustre diplomata, chega-me o principe d. Luiz. Intima-me a marcar dia e hora para almoço com varios amigos e correligionarios. Obedeço. Marco a hora, deixando o dia ao arbitrio do nosso futuro imperador.

— Aparece-me Affonso Arinos. Intima-me a que lhe vá experimentar e diminuir o jantar hoje. Obedecerei.

— Intima-me telefonicamente a firma G. & J. Hertz, rua Milton, 22, amizade de duas gerações, aguardar-me amanhã de feijoada em punho. Com agua na boca, recebo a intimação para os devidos efeitos.

S. Bartolomeu

— Saio, tentando aproveitar-me duns duvidozos raios de sol. Paro na muito commercial rua de Rivoli: "a de maior movimento neste mundo" acentua-me uma caixeirinha move-díça. Vejo-me inesperadamente em plena historia da França.

Bellamente triste e tristemente significativo, entre as imagens da Religião e da Patria, alli está o almirante Coligny. Bordam-lhe a estatua dois trechos biblicos, innteis como a prezença de farmaceutico em enterro de medico. Um pouco além, espalhafatoza em sua fachada gotica, está a igreja de S. Germano; dos seus repiques, em 24 de Agosto de 1572, dia de S. Bartolomeu, partiu, por motivos celestiaes em nome da religião do amor e do perdão, convite para o mais preparado e memorado dos morticínios.

A um lado, disfarçando na harmonia das linhas a enormidade da mais espaçada maravilha que a arquitetura da Renascença levantou em terra franceza, o "Louvre", tendo na successão de figuras, altas, perfeitas, que o ladeiam com uma moldura de glórias, a historia de França desde o perfil cava-



Iheirozo de Francisco I até a cara larga e inesquecível de Léon Gambetta.

.

Iguape

— Como se ajustam bem, depois do jantar, o café e o Affonso Arinos! Nasceram um para o outro, e ambos para mim.

Arinos, curioso de noticias de nossa terra; eu, sequiozo duma intimidade intelligente; e o café, porque a alma das coizas é uma realidade, convencido de que caminhava gargantas a dentro de quem muito o conhecia e merecia: como correu o tempo! Crescen a conversação. Eramos dez á meza, e todos tinhamos o que dizer e o que ouvir sem fadiga, sem constrangimento. Resvalaram os assumtos, concatenando-se, esclarecendo-se. Um delles, já não sei como, foi buscar, em consulta á pouco divulgada obra de Bonchamps, referência ás primeiras navegações castelhanas no sul-Atlantico; e, tambem não sei explicar porque nem para que, a conversação ancorou em Iguape.

Iguape em Paris! Sempre me acontece cada uma... Asaltaram-me reminiscencias. Estive em Iguape disputando arriscadissimo segundo escrutinio eleitoral. Quando? 1885.

.

A cidade de Iguape foi fundada quatro vezes: em 1567, 1579, 1611 e 1654; dessa variedade de nascimentos nascua e indefinivel originalidade do tipo ignapense. Indifinivel, porém certo; entenda-se lá isso!

Num grupo, á primeira inspecção, espontaneamente, sem dispendio de perspicacia, olha a gente para uma das pessoas, segrega-a das outras no reparo, e diz-lhe sem perigo de errar: "Você é de Iguape".

Ha ignapenses bonitos e feios; ha-os nem feios nem bonitos; ha ignapenses magros, gordos, estrabicos, loiros, calvos, hirsutos; ha-os gagos e morenos, parlantes e alvos: mas todos, sem a possibilidade duma suspeita de exceção, todos revelando que vieram, que são, que inconfundivelmente serão sempre de Iguape. Como que a localidade se localizou em



cada um dos seus filhos. Quem são de Iguape leva consigo Iguape.

No mundo Iguape é um mundo à parte. Tudo lhe é especial. Sua história consubstancia modestia, originalidade, misterio e espanto. Ha Iguape, mas, tirada a média da atenção nacional, cada brasileiro só se lembra de Iguape meia vez na vida.

Iguape tinha rio e porto. Canalizou o rio, encanou o porto, e hoje está ou duvida si o que tem é rio, canal ou porto.

Em Iguape as palavras trazem a significação que Iguape lhes quer dar. Numa ceia, que me foi oferecida após o resultado eleitoral, o professor de primeiras letras, com voz sonora e gesto firme, brindou: "Ao nosso amigo vigario, que é um perfido!" Grato, com um rizo concavo, tininte o copo no dos convivas, o reverendo julgava-se, no momento, a primeira figura de Iguape. E era.

Durante a cabala, negando-me voto que afinal me deu, dizia-me o alferes Justino, reforçado e rezoluto iguapense: "Dr. Martin, eu só voto nos meus subterraneos!" Conterraneos queria elle significar. Um sobrinho desse alferes, meu correhgionario liberal, a quem eu revelara receios de perder a eleição, tentando consolar-me e reanimar-me, encerrou os seus propositos nos seguintes termos: "Nós sofisma, depois nós protesta."

Isso foi ha tanto tempo! Já se me repetiu tantas vezes o "labuntur anni!" horaciano, e eu ainda tenho deante dos olhos o mocinho iguapense, Fulano Manso, verbozo, dado a argumentações fluxuozas, cortando raciocínio referente á existencia de Deus com esta frase, unica, que me entrou na memoria, e daí nunca mais quiz sair: "Deus é um homem de estatura regular."

Iguape, entretanto, fornece ao Muzen do Ipiranga o unico exemplar da "pedra polida" encontrado no Brazil. Deio ao sabio dr. von Ihering, que o mencionou em artigo especialissimo. Pobre Ihering! Como Theodoro Sanapaio, Oswaldo Cruz, Derby, Alberto Loefgren e outros, não ponde perma-



necer em terra paulista. Ódio ao merito: é lemma da nossa mediocracia. S. Paulo é um pouco Iguape.

No Louvre. Março, 23.

— Illustra-me de jornaes fluminenses o Consulado do Brazil. Leio-os como costume: por inteiro o obituario, e dos editoriaes os topicos que terminam por ponto de admiração. Nada de novo na ex-Pindorama. Cada ministro é elogiado por estar reconstruindo o que o antecessor destruiu. O actual governo é o melhor de todos os governos, com a condição, porém, de ser actual.

— Uma hora deante dos marmores; deante dos bronzes, outra: gastei, no Museu de Louvre, mobiliando o espirito e preparando o gosto para o importantissimo caso da "Venus de Milo."

Tanto pelo inesperado conjunto, como pela diversidade de olhares — enfurecido o dos cães, especialmente o da direita; gaiato o das mascaras em direcção á urna — bastante impressiona aquelle provavel trono de Baco. Perdidos não me foram os minutos passados, na sala de Melpomene, deante da "Naiade", notavel sobretudo pela correção irrepreensivel do ventre. Rezisti a um "Silla" mais que suspeito e ofereci a um Trajano serissimo alguns elogios em disponibilidade.

"Sexto Pompeu"? Bravo! Nunca lhe vira os traços. Adorava-o, porém. Vulto lealdozo: o sacrificio, a dedicação, a intranzigencia, a pertinacia em homenagem á memoria paterna. Esse ignorou o servilismo, desconheceu a permuta do esquecimento fingido pelo aluguel verdadeiro. Vitimado pela traição e pelo assassinato, Sexto Pompeu ergue-se na historia como um exemplo de fidelidade valente e rezistencia desassombrada. Perto, que dezillusão! Pompeu, o grande, tão diverso, nas linhas, nas proporções, em tudo, da copia do busto em marmore existente em Copenhague, e que eu conhecia de reprodução numa das derradeiras paginas do "Mitridates Eupator" de Th. Reinach!

Dos quatro bustos de Lucius Verus, o menos fatigante é o que fica á entrada da sala dos Antoninos; nelle a restauração só teve de preencher uma ponta do manto.

Venus de Milo

— Aproximei-me devagar. Munido de independência no raciocínio, aproveitei sem submissão leituras esparsas, trechos de Salomão Reinach e Paul S. Vitor, e desaproveitei a insensata originalidade de Seignobos negando originalidade a essa conhecida revelação dum genio desconhecido!

Parei, distanciado de cinco ou seis metros. Fui apalpan-do com os olhos essa indizível perfeição de fôrmas cuja somma é a perfeição absoluta da fôrma. Comecei a sentir que estava a contemplar a belleza pura, tendo deante de mim a excellencia inexcédível da plastica.

Rarissimas vezes a arte chega até lá! A imaginação não pôde ir além. Impossivel mais traduzir a consciencia e o orgulho da belleza. A deusa sorri sem rir; está, ao mesmo tempo, serena e radiante. Triunfa? Sim. Mas onde? Quando? Na produção artistica, e na repercussão mitologica, como determinar o seu instante?

O movimento do pescoço airozo, ductil, ideal; as dobras do manto; aquelle olhar certo de supremacia, mas não izento de despeito: estão dizendo que a deusa acaba de receber o pomio da belleza. Aquelle olhar complexo, amorozo e grato, não dirigido muito ao longe, sexual e não impudico, desvia-se das duas rivaes, busca Páris, aceita o premio. Não vem da intelligencia: é o olhar do coração. Não é do masculo poderoso: é da mulher bella. Não o despede Jupiter-Moizés: vem de Venus-Helena.

Do primitivo grupo nem o nome do artista rezistiu ás devastações do tempo e do destino. Só ella vive. Só ella perdura como a sonhon o escultor, como a quiz o cinzel: é Venus nessa faze feminil que gera o amor e ignora a geração: que a mulher ama e depois dezeja, e o homem dezeja e depois ama.

E foi assim que me apareceu e pareceu a mais primorosa interpretação da mulher na arte.

...Infelizmente, porém, por ordem da natureza, a mulher tem, dentro do rosto, uma caveira.



No Arco do Triunpho. Março. 24.

— Seis horas da tarde. Descançando da intensidade com que penetrei na vida pariziense, aqui estou, sob este pezado monumento, ponto objetivo duma duzia de avenidas, alto de meia centena de metros, e depósito de varias mentiras. Leio-lhe, além de Saragossa, fantaziadas de vitoria outras investidas contra a verdade sabida por todos em geral e pela França em particular.

.....
Como me correu o dia? Assim:

— Não achei uteis os esforços de Rodin para encobrir, á custa dum roupão, a vasta barriga de Balzac. Um pouco fóra da estatua, lá está ella querendo empurrar os tranzeuntes.

— No Hotel da Paz, estação de brasileiros, os preços de bebidas já vêm declarados nos pizezinhos. Commodidade impossível no Brazil. Não ha fixidez de preços em paiz de papel moeda. Ninguém sabe ao certo quanto tem na carteira.

Ha tempos, em Santos, na praça Mauá, portuguezinho letrado, necessariamente secretario do club de dança, estabeleceu uma bodega annunciando e cobrando os preços conforme a taxa cambial da vespera. Não foi bem compreendido pela freguezia. Em menos duma semana apanhou e deu muita pancada. A policia abriu inquerito e fechou a bodega.

— Merecem menção honroza os cocheiros parizenses. Com população tres e meia vezes superior á do Rio de Janeiro, Paris tem a mesma média de mortes e ferimentos por automoveis. Tão admiravel é a pericia com que os cocheiros evitam dezastres, como a precisão mnemonica com que lembram ruas e praças, principaes hotéis, palacios, institutos, rezidenças de altos funcionarios, horas de espetaculos, etc. Adoraveis automedontes! Mesmo quando se enganam propositalmente em dois soldos de troco, dizem "pardon" tres vezes.

Arranjassem isso lá no Brazil, e a policia seria aclamada quarta pessoa da Santissima Trindade! Em S. Paulo, então, o unico meio de não brigar por ocasião do pagamento é ser parente do governo e ocupar automovel official. Os cofres publicos regularizam as contas, e as familias dos altos funcio-





LUCILIO DE ALBUQUERQUE

„Catechese,,



Lendo
de
Albuquerque

Recanto.

narios, a despeito das reclamações da imprensa, frequentam à custa do povo automoveis gratuitos e tal qual intimidade perigoza com os respectivos cocheiros.

— Tão regulares e baratas as communicações aqui! Quasi de graça. Pode-se, por um tostão, envelhecer no Metropolitano. Não temos, na engenharia brasileira, obra que se lhe assemelhe longe ou perto; serviço prompto, irrepreensivel; dinheiro inglez no subsolo francez. A empresa não paga, não compra, nem sequer aluga engenheiro fiscal... Pobre Brazil!

— Interminavel o Bosque de Bolonha. Cabem alli facilmente todo o bairro do Catete e mais a Caza de Detenção. Povo! Quanta gente! Dia magnifico. Vestidos novos, muito apertados, denunciando o tamanho das nadegas; com a retirada do inverno vai dezaparecendo a cor escura; harmoniza-se a tendencia para o branco com o contentamento geral. Ninguem pede esmola. Não ha gente descalça. No Bosque de Bolonha as crianças mamam sem chorar. Pode-se ir lá sem receio de pancada. Porque não mudam um bocadinho delle para a nossa Avenida Central?

— Quem se muda sou eu. Mudo-me para o Hotel Moderne; quarteirão onde ha tudo: lojas de tudo, profissionaes de tudo, fornecimentos de tudo, informantes de tudo e até um teatrinho onde ha de tudo.

Fico perto do dr. Francisco Malta Cardozo. Está mal: julga-se, porém, livre de perigo. Penaliza-me, admiravelmente, tanta decadencia fisica enfrentada por tanta fortaleza moral. A seu lado dois filhos, modelos de dedicação, parecem fazer com o pai uma só vontade.

Porque Malta Cardozo, intelligente, leal, illustrado, não tem tido sorte igual ao merito? Porque o preterem nullos e subservientes?

Não provocar invejas é, no Brazil como em toda a parte, um dos mais proficuos elementos de successo. E são invejáveis, em Malta Cardozo, a intelligencia e o carater.

Meditações funerarias. Março, 25.

"Père Lachaise" é, desde 1804, o cemiterio da moda. Póde ser vizitado de carro. Tem guias especiaes e especial regula-



mento. Qualquer que seja a estação fecham-no durante doze horas; no momento da taranella, e para que os moribundos lá fôra ponham os fallecimentos de acordo com as horas de serviço, ha toques de sineta, e exclamados avizos dos porteiros: "Vamos fechar! Vamos fechar!"

Entrei a pé. A' portinholla dum cubiculo disputavam calorozamente dois grizalhos; a conta que lhes exigia divergencia passava e repassava, das mãos dum que retorcia os olhos, para as do outro que, amarrotando-a, engatilhava os pulsos. Ajustes funerarios de parente de defunto com a escripturação do cemiterio.

Seriam pernambucanos esses briguentos? Perguntei-me isso porque, em 1872, os povos do Recife, maçonicamente esquentados, iam incendiando o Brazil inteiro a pretexto de enterramentos. Verdade seja que, e sirva-lhes o fato de coe-rente desculpa, já em 1859, tio avô de influente politico pernambucano, em exame de terceiro anno de direito, definira cemiterios: "associações de mortos com interesses vitaes."

Arranjei convite para uma cremação. Em cincoenta minutos o cazo se... liquida. O forno é bonito por fôra; delle recebi, abrindo-o, um fogo forte, vermelhissimo: dalli não escapa nem um naquinho da alma. O total da cerimonia orça por tres mil francos, exceto si se trata de cadaver que, não reclamado, se presta a experimentações nas Faculdades de Medicina. Esse obtem o mais conveniente dos preços: não paga.

Tenho duvidas a respeito da cremação. Innegavelmente o processo é mais limpo, mais rapido, e virá a ser mais barato do que a aparatoza e retardada inhumação. Terá, porém, o individuo que nasceu e cresceu, que se manteve e progrediu, á custa da natureza e ao amparo das leis do contrato social, direito de privar seus semelhantes de ossos que, sem prejuizo do dono, podem ser facilmente aproveitados para botões, cabos de talher, escovas de dentes, e outros misteres da commodidade humana?

Horripilante á primeira audição, o alcance commercial desta pergunta intervirá, mais cedo ou mais tarde, no fenomeno da troca e na lei da oferta e da procura.



— Cortejei o simpático tumulto de Beulé. Que mais poderia minha gratidão fazer, no local, pelo professor arqueólogo que, tres annos antes de alli se aposentar definitivamente, me libertava de diversos dezacertos com que o ensino official tentara deteriorar a minha sensatez?

— Existe, mas vazia, a sepultura de Bellini: em 1835 foram seus despojos reclamados e arrecadados pela edilidade de Catana, sua patria. Vazio tambem está o magnifico monumento que guardou o corpo de Rossini: em 1868 Florença o transportou para o seu municipio. Mas si aqui não estão, para que querem e pagam sepultura aqui? Sempre perdulários, esses artistas!

— A' esquerda, logo á entrada, encarregado pelos mortos de receber os vivos, apparece o immortal Alfredo de Musset. Adornam-lhe o monumento bonitos versos e bonito busto. Barthelemy de St. Hilaire, Cousin, Thiers, Michelet, Comte... mas quantos conhecidos, que eu deixei nas minhas estantes no Brazil, encontro eu aqui!

O que, porém, mais me esgravatou a atenção no luxuoso cemitério foi, numa das primeiras ruas á esquerda, numa sensível elevação, a derradeira moradia, a moradia monumental, monumentalissima, do commendador portuguez Fernando J. Gomes, fallecido em 1861. Noto-a no meu "diario" enrugando a testa, confuzo, enigmático.

O mauzoleu, grande, alto, é em fôrma piramidal, com uma bolinha azougada na extremidade; ao nascente mostra, em pintura vermelha, uma vaca e um rato; no outro lado, com menos vividez, estão ao sol quatro tartarugas. Entender isso fôra decifrar o impossivel!

Mas o commendador era portuguez, e Portugal reivindica o privilegio dos epitafios espantozos. Num cemitério do Porto, contam-me, ha lapide com esta deciziva declaração:

Ná em pello,

Aqui jaz Joaquim Rabello.

Digno igualmente de citação é aquelle epitafio que, to-lamente, as autoridades em Funchal mandaram destruir. Justificava-o este cazo: moço rico, bem cazado, filha adoravel,



commerciante afreguezado, enviuvu, morre-lhe a filha, quebra, tomam-lhe os bens, entizica: tudo isso em um anno! Das economias que lhe escapam ao naufragio da felicidade, o martyr separa pequena quantia e paga epitafio que rezuma e inclua tudo quanto o torturara, tudo quanto elle soffrera!

Encimada por grossa lagrima, a modesta lapide funeraria trazia apenas estas palavras: «Elle tinha um vizinho que aprendia clarineta».

Estava dito tudo.

— Cedem-me, no Hotel, jornaes de S. Paulo. Que de novo por lá? Quazi nada para o publico; para mim, nada. O presidente carimbou e distribuiu varios tabellionatas como quem dá cartas numa meza de bisco. Não fui nomeado tabelião. Não fui preterido. Não fui candidato. No baralho da politica paulista não ha naipe que me dê entrada.

— Transcritas da imprensa carioca, aprendo algumas historias deixadas pelo octogenario Salvador de Mendonça á margem da historia.

Tendo, só em 1868, voltado a S. Paulo para recontinuar seu quarto anno de direito, já em 1867, em S. Paulo onde não estava, o autor de "Marabá" obrigára o presidente conselheiro Saldanha Marinho a consentir na organização da companhia Paulista de viação-férrea. Em 1889 o conselheiro Saraiva muito em segredo confidenciava, a elle Salvador, mas a elle unicamente, haver obtido a abdicção de Pedro 2.^o. Em data secreta o mesmo imperador, sem audiencia do conselho de Estado e do ministerio, encarregava o conselheiro Lafayette de projetar a mudança, para o poder judiciario, de todas as attribuições do poder moderador.

Como, sem que se soubesse, estava esse Mendonça imiscuido na alta direcção da patria! Na comedia de Sardou, madame Benoiton influe na peça inteira sem apparecer em scena.

A verdade: signatario do manifesto republicano de 1870, nomeado consul em Baltimore a pedido do barão de Parana-piacaba, Salvador de Mendonça, bom funcionario, ouvin de Pedro 2.^o, nos Estados-Unidos, esta ironia delicadissima: "V. s. tem servido a Monarquia numa Republica muito melhor do que serviu a Republica numa Monarquia".



E' monetariamente discutivel si isso lhe persistiu depois de 15 de Novembro de 1889.

Bom almoço. Março, 26.

Hotel Carlston. Longo almoço. Pessoas e coizas de boa qualidade. Presentes: d. Luiz de Bragança, Affonso Arinos, Kingelhoefter, Mello Rezende, Souza Mello e eu.

Cinco minutos de formalidades. Reação unanime do brazileirismo contra a etiqueta. Saudades da patria. Pouca politica. Anedotas, incidentes. Sendo o mais velhodo dos convivas, permiti-me maior numero de incursões no passado. Relembrei, dum biano que prezidin S. Paulo, a espantosa definição: "Molho Inglez é um liquido preto que se encontra na Inglaterra e nas Ilhas Britanicas"; e, dum general campineiro que protestava declarar guerra ao deserto, aquella citado exordio mais para lamentar do que parlamentar: "Quando Wellington vence a Napoleão na batalha de Washington...

Camara dos Deputados. Março, 27.

— Ducha gelada na eloquencia franceza, hoje, das tres ás seis horas. Tão inferior á ingleza, como esta á grega, a oratoria franceza, com rarissimas meias exceções, resfria a intelligencia e constipa a quem pensa para falar e fala para persuadir.

Toleravel porque veloz, a sessão. Assunto vulgarissimo: amnistia, e si o antimilitarismo tinha nella entrada. Oradores medios. Galerias moderadamente interessadas; cerca de quinhentas pessoas em vinte cunarotes, que comportariam oitocentos.

Sem entusiasmo, e com agrado oscillante, eu já ouvira, no Brazil, Doumer, Clemenceau e Jaurès. Ouvi hoje: Paulo Meinier, radical socialista, quasi ardente, pratico de tribuna; Thivrier, esgrimista recalcitante, argumentador; o afavel Marrietton, Barthou, prezidente do conselho, logico, dono da palavra; e mais: Ratier, ministro da Justiça, Compère, Morel, Combrouze, Briquet, bons parlantes, mas cada um delles inferior aos outros. Não consegui ouvir a voz do deputado Lefas porque, acintozamente, tendo a maioria votado a continuação do debate, não quiz que esse orador debatesse coiza



alguma! Mal subiu elle á tribuna, sindiou-se a Camara em dois grupos: um que conversava alto, outro que se retirava.

No parlamento francez tudo se espalha em centros e se concentra em extremos. Os oradores, em meio do discurso, recebem violentas palmas de aplauzo; abrandam ellas na peroração. Em França, ao contrario do que succede no Brazil, o orador só é abraçado e felicitado nos corredores, muito depois de terminado o discurso, e algumas vezes por esse motivo.

Pouco imponente o recinto das sessões. Deputados e assentos em declividade. Tribuna facultativa, dando della o orador costas ao prezidente que, de cazaca e a assoviar um "sin" a cada aparte, pula de vez em quando, e ora bate com um pauzinho vermelho nas grades da meza, ora repica um sino amarello que lhe fica á esquerda. Do meio para o fim da sessão, Deschanel pinga como um chafariz rachado. Mas, corruscante o olhar, não perde o minimo gesto do mais pequeno representante da grande nação franceza.

Varios e Varias.

— Que fiz mais durante o dia?

— Notei, almoçando no Hotel Ronceray, Montmartre 10, que ha em Paris criados mais aptos para ser servidos do que para servir. Perdi tempo no "Muzeu Grevin", reparando num Talleyrand convencional e noutras fizonomias possiveis, porém não certas, de harmonia com os respectivos originaes. Uma exploração gasta, esse Muzeu! Dôze de dois numeros de "matineé" num cassino: artistas graciosas grifando malicias em cançonetas pouco abundantes de decencia; publico ordeiro, satisfeito, aplaudindo meia duzia de alluzões patrioticas.

A' noite? Pago visita a Luiz Jablonski: Nunca estive no Brasil, mas fala corretamente o portuguez. Espoza, elle, filho e filha monopolizam, pela delicadeza, o coração de quem vai á Praça S. Jorge 28. Apresentam-me um professor mineralogista, uma condessa e diversos anonimos. Canta agradavelmente o tenor brasileiro Bustamante de Camargo. Ouço, ainda, um ato de ensaiada comedia. Admiro coloridas projeções cinematograficas; bellissimas as vistas de Espanha e Suissa. Passei bem, muito obrigado.



Mais Louvre. Março, 28.

— Não das tres horas de que disponho, mas de tres mezes, precisava eu para bem examinar o que me interessa neste "Muzeu", incontestavelmente o mais rico dos por mim visitados.

A ourivezaria antiga, especialmente a da prata, é maravilhosa. A cerâmica, na infinidade de concepções, elegantes quasi sempre apesar de monotonia dos tons escuros, prende e prolonga a admiração. Deante das vitrinas é inevitavel a pergunta: que ha a inventar mais no genero?

As facas, as tentativas de garfos, as colheres e demais utensilios egipciosos atestam que aquelle povo sabia comer. Mumias, hieroglifos, papiros, estatuetas de porfiro... Um mundo! Mundo invadido, escravizado pelo militarismo persa, o prussianismo da epoca; mundo - ponte do oriente para o occidente, e em cujos despojos Cambizes, Alexandre, Bonaparte sucessivamente tripudiaram.

Tróco de sala. Vejo-me entre os persas. Um outro mundo: Suza e sua civilização; Artaxerxes, e o capitel, em fragmentos, do seu palacio encimado pelo touro duplo.

Exemplares cuneiformes. Muito da Caldéa se mesclando ao persianismo. A panoplia delineada por Ciro, o fundador e incorporador, o vencedor no VI. seculo A. C., alli estava numa das vitrinas, luzente, catalogada, explicada, chamando-me a ironia para a incoerencia do progresso humano, que teima em descobrir modos de matar gente, mas persiste, inalterado, na maneira de faze-la.

Defronte, dezenhada sobre restauração cuneiforme, está a côrte de Dario Histaspes. Altivas as figuras. Uma dellas é, necessariamente, Otanio, o precursor do individualismo, o mais intellectual dos companheiros do rei na vitoria contra o sacerdocio e na eliminação do falso Smerdis. Qual, porém?

Desdobrando-me, busco atrapalhar o meu espirito: mudo repentinamente de sala, de cogitações e de assunto. Procuro a moderna escola de pintura franceza. Robert mais Millet, mais Huet: que largueza de traços! Quanta independencia de linhas! Mas tudo tão razo... Enchente em lagoa. Porque con-



seuem copias de paisagens trimensaes de Corot e dos vacuus impossiveis da Troyon?

Diminuem a arte, como os vestidos muito abertos estragam a pudicicia. Alerta, policia de gosto!

A' direita, numa das primeiras salas, de Ricard, que porter morrido com meio seculo não teve tempo de aprofundar a decadencia, salva-se pelo colorido um retrato de Paulo Musset.

— A quatro empregados pergunto cinco vezes pela "Gioconda." Sei-a, como todo o mundò, nortamericanamente furtada; não me posso, porém, coibir de divertir-me á custa alheia.

Recebo lição que aproveitarei; deu-m'a um dos perguntados, a quem dezagradára a chufa. Pacientemente me conduziu ao local do furto; mostrou-m'o occupado pelo "Retrato de Baltazar Castiglione", soberba tela de Raphael; elevou a voz como pedindo auditorio; implorou minha opinião sobre o caso, prometendo transmiti-la com urgencia á administração do "Muzeu" e a todos os poderes de França, "porque, perorou, nós aqui nos achamos unicamente para seguir os vossos conselhos e observar as vossas decisões."

Resmungando, repliquei uma porção de dezaforos. Tive porém, a cautela de falar em portuguez.

Governo em ação. Março, 29.

— Contentamento da imprensa pariziense; Andrinopla foi tomada de assalto; Creusot venceu Krupp; a artilharia allemã foi batida pelo obus francez. Chukri-pachá o defensor da da praça, por se haver rendido a bulgaros e servios, foi por elles nomeado heróe durante um mez.

Alegria Russa. Indiferença ingleza. Despeito germanico. Allivio grego. Intranquillidade italiana. A Europa é um quartel: em meia promittidão todos os governos fortes; amendrontadas, sem tarimbadas, as nações mais fracas! Matar é a grande preocupação da fórmula - governo.

Ha quarenta e oito horas ficaram evidentes as communicações marconicas entre o litoral norteamericano e a Torre Eiffel. Mas é isso mesmo: a aptidão individual melhora a vida, a governação collectiva aumenta a morte.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO.



UM ALBUM DE ELISA LYNCH ⁽¹⁾

XI

Sabem quantos conhecem a história da guerra do Paraguay um pouco além dos seus traços geraes que ao principiar a campanha contava o Brazil um inimigo na pessoa do plenipotenciario americano alli acreditado, Charles Ames Washburn. Intimo amigo de Lopes II e Elisa Lynch, contribuiu fortemente para que a opinião publica de seu paiz se deixasse embaraçar pelas apparencias enganosas do conflicto: a tão apontada disproporção de forças que levara o immenso e covarde Brazil a alliar-se ás republicas platinas afim de esmagar o minusculo e heroico adversario.

Era isto o que impressionava ao publico nos Estados Unidos tanto mais quanto gozava Washburn no seu paiz da melhor reputação.

Acusam-no varios escriptores da autoria de perversa invencionice que á porfia repetiram os inimigos de D. Pedro II, brasileiros e estrangeiros e tanto correu mundo sobretudo nas Americas. Assim lhe attribuem a paternidade da patranha insustentavel que filia a verdadeira causa da guerra do Paraguay, aos sentimentos de vingança do Imperador do Brazil, grave e pretensamente insultado nos sentimentos dynasticos e pessoais pelo pedido da mão da Princeza D. Leopoldina pelo despota de Assumpção.

Homem intelligente e culto, embora sem maneiras, grosseiro mesmo, segundo afirma Masterman, pertencia Washburn a uma familia dispendo de dilatado prestigio.

Filho de Israel Washburn, grande constructor naval e armador, muito conhecido, nascera em 1822 na Nova Inglaterra. Apenas formado em direito resolvera transplantar-se para S. Francisco da California,

(1) Vide numeros de Dezembro a Fevereiro.

exactamente na época das grandes *rushes* do ouro. Alli advogara e politicara activamente, dirigindo um grande jornal o *San Francisco Daily Times* e organisara o partido republicano do Estado, de onde lhe viera muita influencia junto aos leaders supremos da sua aggreminação politica. Homem de multiplas aptidões era ao mesmo tempo um excellente mecanico, imaginara um typo novo de prelo e vendera varias e rendosas patentes de invenção.

Rodeava-o a aura de varios irmãos altamente collocados, sobretudo a de Israel Washburn Junior, advogado de fama, inumeras vezes enviado como deputado ao Congresso Nacional, abolicionista *enragé* e afinal em 1860 governador do Estado do Maine.

Mostrara-se no desempenho deste cargo um dos mais firmes sustentaculos do glorioso Lincoln, sendo tido como dos grandes *Governadores da Guerra*. Outro irmão, Caldwellader Colden Washburn, tambem advogado de notoria reputação, grande influencia no Estado de Wisconsin, de que viria a ser o governador, era igualmente na época um dos homens proeminentes do partido republicano. Tomara a mais activa parte nas operações da guerra civil chegando a ser coronel major general de voluntarios.

O mais velho da irmandade, Elihu Benjamin Washburn, deputado ao Congresso, sempre reeleito, desde 1852 e onde haveria de permanecer até 1869, este chegaria a Secretario do Estado com Grant e mais tarde a embaixador em Pariz, de 1870 a 1880.

Os dous mais jovens da familia tambem faziam carreira brilhante: Samuel Washburn, official da marinha coberta de serviços e citado pela sua pericia e bravura "Skill and galantry" e William Drew Washburn, politico de larga influencia no Estado de Minnesota, a ponto de, em 1865, ser nomeado *surveyor general*, apesar da mocidade.

Assim, por si e pelos seus, revestia-se o ministro Washburn de grande autoridade para encaminhar deste ou daquelle modo a opinião publica norte americana.

Chegado em 1861 ao Paraguay é de crer não haja resistido aos encantos da Circe celta *en tout bien tout honneur* queremos crer, pois não era Elisa mulher que se abalançasse a desencadear a explosão dos ciúmes do feroz amasio, sobretudo no pequeno scenario paraguayo, onde se sabia rigorosamente vigiada.

Em 1862 estava o ministro Washburn nos melhores termos de amizade com o despota e sua amante.

E este sentimento lhe ditava duas longas paginas de prosa, com pretensões humoristicas, aliás, a nosso ver, mediocrementes realizadas. Pelo panno de amostra do album de Elisa Lynch não nos pareça o caudidico diplomata escriptor cujo espirito seja dos que creem ou acreditam uma feição litteraria.

Avaliem-no, porém, os leitores; e não nos esqueçamos contudo de quanto é perfido e escorregadio o terreno do album de pensamentos:



Muito desejaria, minha boa amiga, escrever algumas linhas originaes e espirituosas, se tal me fosse possível, mas infelizmente :

"A minha unica feição original. E' a do peccado original".

Conhecedor d'esta falha já me contentara com o redigir certo numero de phrases sensatas embora estafadas mas... ainda infelizmente tanto me favoreceu a sorte quanto á sabedoria como quanto ao espirito.

Desde muito é tido o nescio quando calado, por avisado; quantos não tem passado por sabios só porque não falam! e se de uma cabeça violentamente sacudida nunca se ouviu dizer que a sabedoria houvesse escapado é que certamente lá ficou ella sempre presa. Traçasse eu aqui a minha rude assignatura, somente, que d'ahi me viria talvez reputação identica quanto á sabedoria; quem sabe mesmo se os que para ella olhassem não exclamariam como Sir Rogee de Coverly no tumulto do Dr. Brusby.

"Este, em verdade era um grande homem". Imaginariam, com certeza, que me teria sido facil escrever por cima da firma palavras de tão profunda sabedoria e scintillante humorismo como jamais ainda houvessem sido apreciadas quer :

"Pela immensidade dos ceus, dos abysmos da terra ou sob as aguas que cobrem o globo".

Poderiam crer-me tão sensato quanto Goldsmith; aliás mestre-escola. "Cresceu o portento á ponto de uma pequena cabeça poder conter tudo quanto conheço".

Mas, quando as palavras perfazem phrases insipidas e vazias não ha ensejo para illusões; apparecem *in totum* os periodos chatos, prosaicamente monotonos e o escriptor que poderia — se se tivesse limitado a rabiscar o nome — passar por um oraculo de sabedoria e um poço de humorismo, revela-se privado d'estas qualidades por não conhecer bastante a arte de nada dizer.

Occorreu-me a ideia de que para mim o melhor seria não imitar a boa Sra. Partingdon que "nunca abria a bocca sem dizer um churritlo de asneiras" e deixar-me quieto, fazendo entrever que se quizesse, derramaria a jorroz espirito e sabedoria.

Não me posso furtar porém, cara amiga, a dizer, que tendo vindo a este longinquo paiz estrangeiro foi para mim motivo de grande alegria n'elle se me deparar uma senhora nobre pela educação, pela alma e apurado goato, com quem pude conversar acerca dos grandes mestres da lingua saxonica e discutir assumptos de litteratura contemporanea.

E' com estas calorosas expressões de consideração e estima que me assigno seu amigo grato

C. A. WASHBURN.

Assumpção, 28 de Maio de 1862.

Encantado pela belleza da sua homenagem e ao mesmo tempo satisfeito de haver encontrado, no rude e ignorante Paraguay de 1860, uma mulher de grande e culta intelligencia com quem podia trocar ideias sobre assumptos que lhe eram gratos deixou-se Washburn suggestionar a

ponto de cerrar olhos e ouvidos ás manifestações da tyrannia lopezca.

Pouco a pouco porém, dissipando-se a nuvem enganosa que lhe evoluía o espirito voltando-lhe a consciencia da verdade dos factos, sobretudo quando viu o regulo encaminhar-se para o terreno das crueldades em massa e systematicas.

A principio suspeito a Lopéz II, dentro em breve era por este odeado e afinal, após as horribéis matanças de S. Fernando, gravemente ameaçado. Foi então necessario que o governo de Washington tratasse de lhe proteger a existencia pois o autocrata paraguayo o apontava como um dos organisadores, senão o principal, da supposta conspiração tramada para o derribar.

Teve o *Wasp*, navio de guerra norte americano de ir ás aguas paraguayas buscar o diplomata que, uma vez escapo ás garras do autocrata violentamente se desabafou, escrevendo, já de Buenos Ayres, as tremendas — bastava-lhes o caracter da veracidade — objurgatorias contra o assassino de S. Fernando.

Denunciado ao seu governo pediu o ministro uma abertura de inquerito para se justificar, havendo nesta occasião, obtido a sua conducta a mais completa approvação da junta encarregada pelo Ministerio das Relações Exteriores de estudar o seu caso.

XII

Dous annos e meio após a data em que o diplomata norte americano assignara as suas paginas de humorismo no album da Lynch, irrompia a guerra.

Qual teria sido a attitudo de Elisa durante a campanha? Desde os primeiros dias, no dizer de varias testemunhas oculares, deu o amasio inequivocas montras de ferocidade tal, e tão desorientada, que parecia inspirada por absoluta insanía. Assim na conta Thompson quando refere por exemplo a execução de dous transfugas argentinos mortos a chibata-das, por terem enfermado de variola! e, sobretudo, o horrivel fuzilamento de um mísero sargento da guarda presidencial, accusado de conspiração e cujo crime consistia em haver perguntado ao official inglez se a rainha Victoria sahia com a coroa á cabeça, quando estava a passeio e outras cousas de igual gravidade.

Em perpetuos transe viveu certamente Elisa Lynch, desde os primeiros dias de desapino, quando a realidade das cousas se lhe desenhou ao espirito, após os desastres de Riachuelo, Tuyuty, Curuzú, etc.

Assistia ao embarque dos batalhões, frequentemente, acompanhando os soldados até a bordo onde lhes dava cigarros e moedinhas e passou a residir no Passo da Patria, por algum tempo. Quando este foi evacuado após o bombardeio tremendo da esquadra brasileira, Lopez espavorido, diz ainda Thompson, fugiu precipitadamente, longe do alcance dos canhões navaes, deixando Lynch e seus filhos «que se arrumassem como pudessem». Ella, o Bispo Palacios e os seus ajudantes passaram

metade de um dia a procural-o. Afinal o acharam a 3 leguas do Passo; como as balas brasileiras se approximassem a uma milha do ponto onde estava, partiu immediatamente. «Estando fora do alcance dos projectis começou a fazer-se de valente. Possuia um genero peculiar de valor; achando-se a coberto dos tiros, muito embora cercado pelo inimigo, conservava o bom humor; não supportava porém o silvo de uma bala...»

Sempre ao lado do amante, relata Thompson que ao fracassar o accordo tentado na entrevista de Lopez e Mitre em Jatahy Corá foi Elisa quem consolou o amante, de regresso ao seu quartel general, secundando-a o Bispo, o deploravel Palacios.

Dias depois, embaçado o generalissimo aliado pelo embuste grosseiro da proposta de armistício, dava-se o terrivel desastre de Curupaity o que, segundo narra Thompson, proporcionou á Irlandaiza mais uma demonstração do seu espirito de ex-rameira, avida de dinheiro.

Vergenhosamente despojados os nossos mortos pelos vencedores, grande quantidade de ouro appareceu no campo paraguayo, ouro que Elisa embolsou em troca de papel moeda, recentemente emitto.

Quando o general Diaz foi mortalmente ferido, em fins de janeiro de 1868, Elisa o visitou varias vezes, depois da amputação que o Dr. Skinner praticara, da perna do heroe.

Em 1868, affirma o autor inglez, fôra ainda ella a instigadora do movimento pseudo patriótico pelo qual as infelizes paraguayas se despojaram, em proveito dos cofres nacionaes, de suas joias, joias que Lopez e ella *roubaram*, escreve-o por extenso. Tiveram ainda as infelizes tributadas que pedir permissão para pelejar ao lado dos irmãos, ainda sob a inspiração da Irlandaiza. Havendo algumas raparigas da aldeia de Aregná insistido, fardou-as Elisa com um uniforme de sua invenção: traje branco com faixa tricolor completado por uma especie de gorro escossez.

Viviam tões amazonas a percorrer as ruas da Assumpção cantando hymnos patrióticos. Passadas algumas semanas dispersaram-se.

Aproveitou-se Elisa Lynch da guerra para satisfazer antigos e fundos rancores, avança o engenheiro britannico. Assim, como detestasse o digno Consul Geral francez Cochelet pelo facto de jamais haver consentido que a familia a visitasse, serviu-se de sua substituição pelo tão tristemente famoso Cuverville para o expor e aos filhos, a graves perigos. Mandou-os encerrar num local da fortaleza de Humaytá onde estes desgraçados passaram muitos dias expostos ao bombardeio da esquadra brasileira. O que os salvou foi o apparecimento inesperado de um navio francez que os vinha buscar.

Entre outras increpações feitas á corteza por Thompson citemos estas: logo que Lopez soube ser fatal a forçagem de Humaytá encarregou a amasia de «acautelar» os objectos preciosos do casal, isto, é os que lhe eram proprios e as offerendas dos paraguayos sobre o «altar da patria» além de muitos outros valores.



Vivendo continuamente deste o principio da guerra em companhia da bella e tão desaventurada mulher do Coronel Martinez, o heroico defensor de Humaytá, nada fez Elisa para salvar a companheira quando o tyranno a mandou torturar ferozmente, em represalia á capitulação do marido.

Quando a canhoneira *Beacon* veio ás aguas paraguayas repatriar os inglezes esforçaram-se Lopez e Elisa para fazer crer ao commandante e officiaes do vaso de guerra de que «nenhum inglez queria sahir do paiz».

Esmagadas as suas forças em Lomas Valentinas fugiu o dictador como se sabe pela «picada da selva», tão apressadamente que abandonou a amasia á sua sorte, «andando ella, bravamente, a procura-o entre as balas, com perigo continuo de morte». Afinal desanimando encontral-o, fugiu em companhia dos generaes Resquin e Caballero indo reunir-se ao homem a quem se ligara. Valeu-lhe esta attitudo a admiração dos seus sequazes. Acaso não receitaria cahir prisioneira, sabendo-se odiada como era?

Para von Wersén — o obsecado official prussiano que se encasquetara a mania de servir o Paraguay contra os alliados, arriscara muitas vezes a vida para alcançar o desideratum, e, afinal, em troca de tanta sympathia, só de Lopez recebera toda a sorte de maus tratos, havendo mesmo milagrosamente escapado á morte pelo supplicio — para Von Wersén foi Elisa a inspiradora de muitos dos crimes do amasio.

Tambem para o Dr. Jorge Masternan, o cirurgião militar inglez ao serviço do governo paraguayo e autor do livro tão interessante dos *Sete annos de aventuras no Paraguay*, foi Elisa quem «pelos conselhos perversos e desenfreada ambição se constituiu a causa remota da terrivel guerra», arruinadora da heroica e desgraçada republica central.

Segundo este escriptor Elisa e Lynch não passavam de nomes de guerra, pretende elle que a ex-hetaira, nascida em França, de pais irlandezes, desposara um medico militar francez. «Quando a conheci era notavelmente bella e embora o tempo e o clima lhe houvessem diminuido a belleza; comprehendi perfeitamente quanto os paraguayos, vendo-a desembarcar, acharam-lhe os encantos de um realce extra terreno tal e o vestuario tão sumptuoso que tanto para uns como para outros não encontraram phrases que lhes traduzissem o pasmo. Recebera esmerada e mesmo brilhante educação e falava, com a mesma facilidade, o inglez, o francez e o hespanhol. Dava magnificos jantares, podendo impunemente beber tanto champagne, quanto jamais vira quem quer que fosse fazel-o».

Mulher intelligente, egoista e destituida de escrúpulos como ninguém, comprehende-se immediatamente quanto devia ser immensa a influencia por ella exercida sobre um homem tão imperioso, embora tão fraco, vão e sensual como Lopez. Com admiravel tacto tratava-o; apparentemente, com a maxima deferencia e respeito quando na realidade delle fazia o que bem lhe passava pela mente e era virtualmente a soberana do Paraguay. Dous projectos ambiciosos a afagavam: desposar o



amasio a delle fazer o Napoleão do Novo Mundo. O primeiro constituiu difficil empreza, pois o marido, como francez, não podia divorciar-se; quicã realizando-se o segundo não lhe teria, talvez, sido muito custoso obter dispensas e trocar a equívoca situação por outra garantida. Assim gradativa e insidiosamente fora imbuindo Lopez da ideia de que era o maior cabo de guerra de seu tempo e lisongeara o fatuo, credulo e avido selvagem de modo a inculcar-lhe a noção de que o destino lhe reservara tirar o Paraguay da obscuridade e tornal-o a potencia dominante da America do Sul.

Tornava-se necessario para a realisação da ambiosa trama, o desencadeamento de uma grande guerra. Com vizinhos tão açambarcadores como o Brasil e tão turbulentos e anarchisados como a Argentina não foi difficil descobrir pretexto para as hostilidades, nem muito esperar por tal oportunidade".

AFFONSO D' E. TAUNAY





NOTAS DE UM LIVREIRO

1

Sobre o Código Civil.

É completamente ignorada a bibliographia do Código Civil Brasileiro. É conhecido como primeiro organisador de um projecto o Visconde de Seabra. Ainda ninguém fez referencia ao projecto do pernambucano Visconde de Goyana, approvado pela Camara dos Deputados e que dorme (se dormir) na poeira do seu archivo. As notas sobre o Código seguirão as sobre — «Anonymos Pseudonymos» e outras muitas accumuladas no meu ja longo river de alfarrabista.

1822. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, natural da Bahia, nascido a 5 de abril de 1765 e fallecido na ilha de S. Miguel a 14 de agosto de 1834. Foi desembargador da Relação da Bahia. Escreveu:

O que é o Código Civil? Ao Ilmo. Sr. J. J. Rodrigues Bastos, etc. Lisboa, 1822, in-4°. de 312 pp. Possui um exemplar por mim vendido o Sr. Dr. Spencer Vampré.

1831. Bernardo José da Gama, Visconde de Goyana, natural da cidade do Recife, nascido a 20 de agosto de 1762 e fallecido a 3 de agosto de 1851. Redigiu:

Projecto do código civil e criminal. Rio de Janeiro, 1831, em 546 artigos. Este trabalho submettido á consideração da Camara dos Deputados, obteve parecer favoravel.

185... Antonio Luiz de Seabra, Visconde de Seabra, nasceu no Rio de Janeiro em fins do seculo XVIII. Delineou:

no dizer de Clovis Bevilacqua, Em Defesa, não passou de um título preliminar e de uma primeira parte dedicada à *capacidade civil e seu exercício*.

1859. Decreto de 11 de Janeiro encarregando Augusto Teixeira de Freitas de redigir o projecto do Código Civil.

1864. Augusto Teixeira de Freitas, nasceu na cidade de Cachoeiras, Bahia, a 19 de janeiro de 1817. Elaborou:

Código Civil. Esboço. Rio de Janeiro, typ. Universal de Laemmert, 1860-1864, in-8º, de 1864 pp.

1865. Relatórios e pareceres dos membros da comissão encarregada de examinar o projecto do Código Civil do Imperio, redigido pelo bacharel Augusto Teixeira de Freitas. Rio de Janeiro, typ. Nac. 1865, in-8º, de 166 pp.

A comissão compunha-se dos drs. Caetano Alberto Soares, Marcelino de Brito, Figueira de Mello, Ribas, Conselheiro Furtado e Arêas, (Barão de Ouren).

1866. Dr. Fernando de Mello Coutinho de Vilhena, nasceu em Caxias, Maranhão, e falleceu depois de 1870. Diz Joaquim Serra, que «si a morte não o tivesse arrebatado tão cedo, talvez tivéssemos um Código Civil».

1882. Joaquim Felício dos Santos, nascido em Diamantina, Minas, em 1828 e fallecido a 21 de outubro de 1895. Escreveu:

Camara dos Deputados. Projecto do Código Civil Brasileiro precedido dos actos officiaes relativos ao assumpto e seguido de um additamento contendo os apontamentos do Código Civil organisados pelo conselheiro José Thomaz Nabuco de Araújo. Rio de Janeiro, typ. Nac. 1882, in-4º, de IX—723—34 pp.

885. Código Civil Brasileiro ou leis civis do Brasil, posto em ordem de materias em seu estado actual por Tristão de Alencar Araripe. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1885, in-8º de XIII—799 pp.

889. Actas das sessões da Comissão organisadora do Código Civil Brasileiro, 1889 in-Rév. do Inst. Hist.

893. Antonio Coelho Rodrigues, nascido no Piahy a...

Foi na Republica o primeiro author de um:

Projecto do Código Civil Brasileiro, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893, in-8º de VII—352 pp. 2734 artigos.

(Continua)

TANCREDO PAIVA





ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO

GEORGINA - LUCILIO DE ALBUQUERQUE

Dá-nos esta exposição de pintura ensejo de observar um caso nada comum de associação artística. Porque a regra é não se associarem, matrimonialmente, artistas da mesma arte, e quando sim, nunca advir dessa liga harmonia proveitosa à livre expansão da individualidade de ambos. Daudet, num livro anecdótico, analysou uma serie de casos, variantes humanas de «cão com gata»; vidas reciprocamente estragadas por uma incompreensão reciproca. Ainda quando a mulher possui um nível mental ou esthetico igual ao do marido, a tremenda incompreensão feminina, o ciúme e outras feminilidades que os poetas solteiros acham encantadoras, coarctam-lhe a personalidade supprimindo a condição primaria do lavor esthetico — a liberdade. O que amofinou ao paciente Socrates a Xantippa! Afranio Peixoto, com muito engenho, tentou rehabilitar-a; mas apesar dos bons argumentos não ha quem não deseje uma Xantippa para cada um dos seus inimigos. No caso Albuquerque, Lucilio e Georgina comprehenderam-se na integra e souberam, associados, levar por diante uma notavel obra commum. Influenciando-se mutuamente, não foi, como no caso da regra, depressiva esta influencia; foi antes do effeito exalçador: augmentaram-se ambos sem nenhum sacrificio das respectivas individualidades. Não é mister baixar os olhos à assignatura para distinguir, na exposição, de quem é o quadro. As duas maneiras, os dois estylos, apesar de parentes proximos, não se confundem. Mais emoção em Georgina, mais intenção em Lucilio — em ambos a mesma segurança e mestria. Na «Catechese», quadro de amplas proporções, aborda este um thema muito de sua predilecção. Através da mata virgem, pela faixa escavada de mau caminho, o jeuita,

de mãos postas, rodeado de "coroinhas" indígenas, vai de rumo aos selvagens. O artista procurou impregnar de mysticismo a scena, e dar á figura do padre a expressão de martyr na senda do martyrio provavel. Já os pequenos caminham despreocupados como quem de nenhum perigo se teme. Grupo de selvagens ao fundo espia o movimento do rancho. E' difficil recompor com exactidão certos estados d'alma irreproduzíveis hoje, e, no caso, o artista recorre a fórmulas. A expressão adoptada por Lucílio é a fórmula de acceitação mais vulgar. Admitte-se que, em hypothese semelhante, o padre caminhasse orando com fervor, extático, incerto se voltará com vida ou acabará no espeto, assado pelas megeras da tribu. A realidade bem pode ser que fosse outra, mas o artista ha de conformar-se com a fórmula mais em voga se não quer arriscar-se a audacias perigosas. Esse quadro é, por todos os motivos, bom. O ambiente florestal está feliz, dá a sensação de frescor humido dos sitios penumbrosos, aquietados sob a redoma secular das frondres; e as figuras, apesar de repetidas nos corrimins, além de movimentadas, apresentam o character necessario ás coisas vistas sob o prisma da arte. A nossa Pinacotheca resentir-se-á se essa valiosa tela voltar para o Rio. O mesmo diremos do "Jardim florido", de Georgina, o "clon" da exposição. E' quasi um retrato. Um ousado retrato moderno de moça moderna, tocada duma ponta de excentricidade norte-americana. Em repouso, deitada na relva dum canteiro, o busto abrigado da soalheira pela sombrinha cor de rosa, está essa bella flor humana dentro do quadro natural mais propicio ao realce dos seus encantos. O arranjo é sobremaneira feliz, com o tufo de flores roseas do fundo e esmaiar o vivo da mancha central predominante, formada pela sombrinha luminosamente vermelha.

A transparencia obtida com mestria, o jogo de luz no rosto da faceira cambiando do vermelho calido aos reflexos verdes da relva, a leveza do vestido de gaze, a elegancia da attitudo e o ar saudavel, singularmente vivo, do rosto sorridente, fazem dessa tela "o ponto mais ollhado" da exposição. Optimamente pintada e realmente bella (qualidades que se não implicam forçosamente) Georgina dá com ella alta medida da sua força, revelando-nos capacidade para vãos ainda mais altos. Esse e o n. 5. "A pose", são os seus melhores trabalhos, se é possível usar desta expressão. Nada choca, nada destoa neste ultimo, de um equilibrio de tons, valores, modelado e composição absolutamente perfeito. Ao lado delle uma pequenina tela — "Le grande chapeau" — attrae e prende a attenção pela finura de tintas e excellencia de modelado. Na "Leitura", outra figura de pequenas dimensões, ha envolvendo a figura da mulher reclinada que há um flagrante ambiente de penumbra mormacenta muito digno de nota. Na impossibilidade de uma referencia aos demais quadros de figura, saltemos á paisagem, que embora menos predilecta á artista é quasi tão rica de qualidades como a de Lucílio. Citaremos a "Serra dos Orgãos", trecho de natureza cahotica, desordenada na vegetação, no deslisar atropelado das aguas e na estranha conformação da serra denteada que lhe serve de fundo. Cita-

remos ainda, uma aquarella de rosas de extrema frescura, e a paisagem mineira de Cambuquira, bem manchada. Já de Lucilio seria necessario citar todas as paisagens e marinhas. Tem-n'as que se nos gravam para sempre na memoria. Exemplo: a "Estrada". Muito transparente, muito luminosa e arejada, com soberbos verdes leves, ha uma "sympathia" alli a conjugar, céu terra e arvores que nos leva o pensamento longe. E' paisagem dessas que se não limitam a dar simples impressão de pittoresco, mas despertam as suaves emoções de saudade—saudade do fugaz, momento da nossa vida em que "estivemos num lugar assim".

Coisas que se sentem bem, mas que se definem mal... Num quadro de muito merito, "Recanto", Lucilio fixa um aspecto de chacara em ruina. A casa velha, em vespera de tapera, está de boa harmonia com o trecho de natureza "delabrée" onde velhas arvores d'antanho, de mistura com arbustos loucos e hervagens crescidas ao léo, dizem a historia de uma decadencia actual embricada num fausto antigo. Pairante sobre tudo, o ar de modorra dum dia calmoso de Icarahy. Mesma segurança de effeitos na "Praia de Icarahy"—nesga de mar entrevista longe, por detrás de moita intermedia de mato radio, e na "Paisagem de Nictheroy", delicioso recanto rico de verdes viçados às chuvas da primavera. E "A Sombra"? Lá vimos um dos nossos mais finos amadores embevecer-se diante deste quadrinho, abrindo-se em louvores de que é avaro. Muito o merece, na realidade, porque é difficil obter effeitos mais subtilmente emotivos. Os olhos repousam na figura de mulher sentada que cose, e sentem-se felizes.

Resumindo, diremos desta exposição o que dizem quantos lá penetram—artistas, amadores, curiosos: é uma festa d'arte, discreta e seria, sem notas dissonantes nem arapucas tendenciadas a lisonjear esta ou aquella corrente da moda. Nenhum laivo de cubismo ou cabotinismo impressionista. Vem sanamente, sentem e pintam honestamente. Está neste simples conceito o seu maior louvor.





O fazendeiro sabido
Que com carinho os seus tracta,
Nunca regressa da villa
Sem um pacote de LACTA.



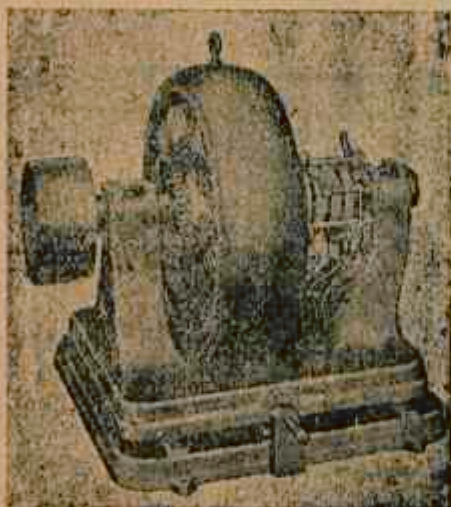
Procurem o
monogramma



é a garantia

A electricidade ao alcan- ce de todos.

Possuímos em
stock para entrega
immediata:



Geradores de
corrente alternada
Triphasicos - 60
cyclos-1800 Rpm
220 Volts.

De 7 1/2-15 e 25
kilowatts.

Proprios para
illuminação de pe-
quena cidade ou
fazendas.

PEÇAM CATALOGOS MENCIONANDO O NUMERO 5005:

Cia. General Electric do Brasil (Inc.)

São Paulo

RUA BOA VISTA, 9

Telep.cent.-4985 e 4986

CAIXA, 547

Rio de Janeiro

RUA S. PEDRO, 126

Telep.norte-4299 e 4300

CAIXA, 108

MAPPIN STORES
SOCIÉDADÉ ANÓNIMA INGLEZA

O porta-livros "MAPPIN,,

Como se deve comprar um porta-livros.

Começa-se com 3 ou mais "units"
e quando já estão cheios, aug-
menta-se simplesmente com
um outro "unit".



PREÇOS :

Para três "UNIT,,
montados, confor-
me o clichê acima,
106\$000.

"UNIT,, avulso ...
27\$000.

Base e cornija ...
25\$000.

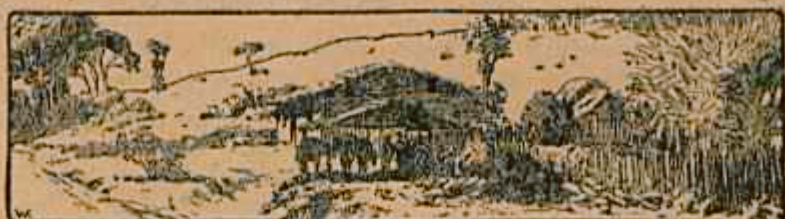
NATURAL
OU PRETO

*Temos uma grande
quantidade em "stock,,
para entrega imediata*



Mappin Stores

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - SÃO PAULO



VOCABULARIO ANALOGICO

DIMINUTIVOS

Adjectivo. Os diminutivos de adjectivos fazem augmentar, em vez de diminuir, as qualidades por elles expressas: *fortinho*, muito forte; *minudinho*, muito mindo; *socegadinho*, muito socegado; *finório*, muito fino. Podem usar-se com o determinativo *muito*: *Maria é muito bonitinha*. Alguns exprimem apenas um tanto da qualidade: *gorducho*, um tanto gordo; *baizote*, um tanto baixo; *verdacho*, esverdeado. Existem adjectivos que tem forma diminutiva, mas sem a significação equivalente, como *ribeirinho*, *jancetrinho*, *agostinho*. O padre Manoel Bernardes, em *Luz e Calor*, pag. 521, usou do diminutivo de *tamanho*: «Quem dirá, que em um bichinho *tamaninho*, que que quasi escapa da vista mais perspicaz...»

Adverbio. Alguns adverbios são usados na forma diminutiva: *pertinho*, *cedinho*, *agorinha*, *pouquinho*, *tantinho*. Ha não pouca

locações adverbiaes formadas de diminutivos: *ds rebatinhas*, *de gatinhas*, *de mansinho*, *de vagarinho*, *de cavallinhas*, *à flelela*, *a pé-cozinho*, *à noitinha*, *de tardinha*. O adverbio *só* não tem diminutivo, ao passo que adjectivo *só* o tem na forma *sosinho*.

Animaes. São considerados diminutivos os nomes das crias dos animaes, como *pinto*, *bezerro*, *cordeiro*, *leitão*, *poldro*, etc. Às vezes taes nomes se formam com sufixos diminutivos: *cabrito*, *borracho*, *lebracho*, *chibato*, *baleote*, *lobato*. Encontram-se formas diminutivas, como *gallinha* e *cadella*, exprimindo a fema dos animaes, e do mesmo modo deparam-se augmentativos, *lebrão* e *cabrão*, por exemplo, que são os machos da *lebre* e da *cabra*. O diminutivo *joanninha* é o nome de um insecto.

Augmentativo. Dos augmentativos podem formar-se diminutivos, como *portãozinho* de *portão*, e



BIBLIOGRAPHIA

VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ — LIMA
BARRETO — "REVISTA DO BRASIL" — S. Paulo, 1919

De Lima Barreto não é exagero dizer que lançou entre nós uma fórmula nova de romance. O romance de crítica social sem doutrinarismo dogmático.

Surgiu com as "*Memórias do escravidão Inácia Caminha*" de que pouco falou a imprensa ofendida na pessoa de eminentes jornalistas postos em scena com inaudita irreverência.

Publicou depois o "*Triste fim de Polycarpo Quaresma*", e está na memória de todos a impressão profunda, algo desorientadora, desse magnífico estudo de caracteres e costumes, onde se escarpam cruamente umas tantas ideias correntes, transformadas em tabú pela ausência de crítica sincera.

Em seguida, tomado ao rodapé da *Noite*, tivemos *Numa e Nympha*, mais fraco que os anteriores, e visivelmente prejudicado pelo apressado da composição. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* vem agora completar uma série suficiente para collocar o autor em plano de alto destaque na pleiade dos nossos romancistas. Revela-se neste a mesma qualidade primacial observada nos anteriores: forte poder de empolgar o leitor, da primeira à última linha. Ninguém interrompe, por fastio, a leitura dos seus livros — esse mortal fastio que nos leva a admirar tantos autores inibindo-nos de os ler. *Vida e Morte* é um romance pouco romanesado. Nenhuma tragédia dentro; apenas o entaperar-se progressivo dum espirito superior enleado pelo cipó mortífero da burocracia. Gonzaga de Sá vê-se um dia entalado nas engrenagens desse Moloch transformador de homens em bonecos de engenho.

Reage, mentalmente apenas : é muito fraco para sacudir os músculos e desempégar-se da massa viscosa ; a iniciativa lhe morre, a resignação sobrevem. Gonzaga, vencido, deixa-se bolar como um ex-homem a tona da lagoa de águas verdes, soffrendo em silencio o contacto doloroso dos gelatinosos collegas. Vinga-se confabulando com o interlocutor que o acompanha através do livro inteiro. Sua vingança, vingança calma de velho filósofo, resume-se em dissertar sobre homens e coisas com attica superioridade. E' um Mr. Bergeret carioca, ironico e sceptico, paradoxal e comprehensivo, por cujo crivo de analyse se coam todos os aspectos da velha cidade. O Rio está inteiro nesse livro, nas paisagens naturaes, na paisagem urbana, na população kaleidoscópica — salada de raças em que o mestiço esbarra com loiras mulheres gaulezas em inconsciente missão civilizatoria. Succedem-se os flagrantes, os instantaneos cinematographicos onde a alma das gentes e das coisas é apanhada ao vivo e escorchada ás vezes té o mais intimo dos recessos.

Nos livros tão cariocas de Machado de Assis o leitor entreve "desvios do Rio. Machado, creador de almas, raro curava da paisagem urbana. Em Lima Barreto conjugam-se equilibradamente as duas coisas : o desenho dos typos e a pintura do scenario ; porisso dá elle, melhor do que ninguém, a *sensação* carioca. E' um revoltado, mas um revoltado em periodo manso de revolta. Em vez de colera, ironia ; em vez de diatribe, essa *nanchalante* filosofante de quem vê a vida sentado n'um café, e amolentado por um dia de calor...

M. L.

JAYME CORTESÃO — EGAS MONIZ — Drama em 4 actos
— Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto, 1918.

O episodio dos amores de A. Tareja, a mulher de D. Henrique, com o conde de Trava e consequentes luctas entre ambos e D. Affonso, que foi o primeiro rei de Portugal independente, deu assumpto a mais uma peça de Jayme Cortesão, festejado autor de outras obras theatraes, entre ellas — "O Infante de Sagres", que consagrou altamente os meritos do novel dramaturgo portuguez.

A actual peça, que abrange, nos seus quatro actos, toda a epoca de transição do antigo condado Portucalensis e a separação do reino de Portugal, versando sobre o que a lenda e as chronicas attribuem aos amores daquelles dois personagens, põe em fôco a figura de D. Egas Moniz, que tão alto papel representou no nascimento de Portugal.

Jayme Cortesão soube aproveitar-se habilmente desse capitulo da historia lusitana e escreveu um drama em versos magnificos, dando á obra um sabor inteiramente nacional. Entremeando das lendas mais caracteristicas desse tempo e que se relacionam com as luctas da independencia, sem desfazer da verdade historica, conseguiu um trabalho de larga movimentação, objectivo raramente alcançado pelos que se circumscrevem estreitamente á technica do theatro.



NOÇÕES DA HISTÓRIA DA PHILOSOFIA — LEONEL FRANCA. — Livraria Drummond. Rio 1918.

É este um compendio que vem abrir um capítulo novo á bibliographia didactica de nossa terra.

No Brasil, a bibliotheca de philosophia não é apenas pobre, mas quasi mesmo inexistente.

E quando nos referimos ás obras de philosophia não queremos falar de obras originaes que demandem philosophos — ave rara neste paiz — falamos das de simples compilação e commentario que requerem unicamente um pouco de cultura e um pouco de boa-vontade.

Como livro didactico que é, a *História da Philosophia* apresenta-se com credenciaes de valor: methodo, clareza e concisão. Collima perfeitamente os seus fins e ha de servir de auxiliar precioso e todos quantos se iniciam nesse arduo ramo de actividade intellectual.

Do ponto de vista doutrinario, o livro resente-se do preconceito religioso do A. (o A. pertence á Igreja Catholica) e, naturalmente, os seus juizos não têm sempre aquella imparcialidade de que se ha mister num historiador e, em especial, num historiador da philosophia.

O A. dividiu o volume em cinco partes, que estudam a philosophia oriental, grega, patristica, medieval e moderna.

Com excepção da primeira, que foi demasiadamente resumida, as demais partes foram estudadas com criterio e pleno conhecimento de causa.

O capítulo sobre philosophia medieval afigura-se-nos o melhor de todos, pois concorre para a reabilitação, já iniciada ha tempos, desse enorme periodo da historia da humanidade, que estudiosos intransigentes christinaram de «interregno de treva».

A parte menos imparcial de toda a obra é a da philosophia moderna, o que se comprehende bem desde que trata de typos de hontem, encarados de um ponto de vista sectario.

Diz o A. por exemplo, de Nietzsche, a quem dedica ao todo, dez linhas: «As doutrinas immoriaes de Nietzsche revelam um cerebro desequilibrado. Enlouqueceu em 1889.»

Do facto do philosopho da *Transmutação de todos os valores* ter enlouquecido tirou a conclusão de que as suas theorias eram as de um alienado.

Mas essas são imperfeições e ninguem dellas se liberta, especialmente quando são devidas aos nossos proprios sentimentos de fé.

O livro tem valor e cabe na estante do leitor mais intolerante, e é isso que queremos fique aqui consignado.

A CRITICA DE HONTEM. — NESTOR VICTOR. — Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo — Rio 1919.

O A. dá-nos uma verdadeira gamma musical. Ha nesse livro tudo: graves e agudos, accordes e desaccordes, hemões e sustenidos.



Reunindo os seus artigos de critica, dispersos pelos jornaes e revistas e escriptos num periodo que varia entre 1898 e 1916, não podia deixar de ter feito uma collecção meio *à la diable* e em que a selecção não foi o tamiz fino capaz de separar cousas sem valor de trabalhos de merito.

Ha, por exemplo, — e tanto para citar um só — o artiguete *José de Alencar e Machado de Assis*, que alli não devera estar. São ao todo 47 linhas, para julgar os dois typos fundamentaes do romance brasileiro, que afeiam o livro sem lhe augmentar o volume.

Ao lado desses senões, tem paginas de critica sadia e superior, pontilhada de observações justas, quasi sempre argutas, não raro mesmo profundas.

A sua critica a Olavo Bilac, feita ha 17 annos atraz, tem o mesmo valor, a mesma frescura, a mesma superioridade de senso esthetico como a já feita hoje.

E' uma temeridade falar-se agora em Olavo Bilac, o grande morto de hontem, que virou o *Al Jesus!* da literatura indigeita.

Suppunhamos mesmo que só daqui a alguns annos, quando já não fosse escandalo, nesta graciosa terra dos papagaios, discutir a obra de um vulto nacional, poderia surgir alguém que o enquadrasse definitivamente em sua justa moldura e não o calumniase nem pelo elogio idiota, excessivo, inexpressivo de adorador mussulmano com que o incensaram, nem pela negação de suas qualidades verdadeiras e eminentes.

Pois o A. conseguiu fazer esse estudo ainda em vida de Bilac, e fel-o com consciencia, acuidade critica e percepção esthetica.

Sobre Nietzsche tem, no volume, duas paginas fulgurantes, onde se encontra esta bem apanhada observação, que é aliás o tom geral do livro:

«Nietzsche é o sentimento da probidade intellectual levado á loucura. Depois de nos havermos encontrado com elle, qual o de nós que se não sente mais ou menos cabotino?»

Nesta ligeira noticia não cabem maiores referencias á *Critica de Hontem*, mas essas bastam para evidenciar que, á parte senões desculpaveis, é um livro que dá bem a medida de uma personalidade que se formou na escola da independencia individual e do bom gosto e que adquiriu o habito de pensar e de julgar com justiça e justeza.

MAU OLHADO — VIEIRA MIRANDA — Leite Ribeiro e Maurillo — Rio 1919.

Vieira Miranda, estreado auspiciosamente com «Resurreição» na arte do romance, reafirma com «Mau Olhado» seus magníficos dotes de pintor de almas e costumes. Como no primeiro, o enredo deste transcorre dentro do quadro agreste da vida roceira. Lel-o, é ter desdobrada ante os olhos a cinematographia colorida das fazendas abertas no sertão —



lucta barbara do homem contra a terra e lucta da civilisação contra a selvajeria.

Um fazendeiro da Bagagem, já idoso, muda-se para as margens do Rio Pardo, onde abre fazenda. Está casado de novo, em segundas nupcias, com Maria Isolina, «creatura de 18 annos, morena e formosa, entontecedora no seu olhar de velludo, nos seus cabellos negros, nas suas formas massiças e harmoniosas, como essas bebidas lubrificantes de que, a cada gotta sorvida, parece evocarem-se imagens novas, de prazer e delirio.»

Mas não fôra bem conjugada essa união. A desproporção da idade, a grosseira rudeza do sertanista não podiam dar a Isolina o que, romanticamente ella podia. E seus «olhos negros, rasgados, de avelludada deçura, que haviam fulminado o sertanejo, se tinham vindo transformando pouco a pouco em duas corollas mysteriosas e profundas, de petalas sedosas e fulgurantes da grande flor da melancholia. Pareciam mais escuros, como duas janellas abertas para a treva de uma alma infeliz.»

Isolina deperedia, victima da derrocada das suas illusões de amorosa. Idealista, sequiosa de amor, via no charro daquelle casamento d'arranjo a morte irremediavel de tudo. Todo o drama, com as multiplicas derivações que no decorrer soffre, engalha inicialmente no mortal desgano de Isolina.

Seu mysterioso mal cresce. E' «mau olhado». Acodem-n'a com remedios que peioram a situação. Fiam a cura da intersecção milagreira do ceu. Constroem igrejinha votiva. Toda a fazenda jaz suspensa em torno do magno problema da cura da senhora. Mas a hysteria da moça incomprehendida segue o curso fatal, e, aggravada sempre, desfêcha em lousura tragica.

Em torno de Isolina, figura central, gyra um mundinho familiar, no qual se destaca com singular relevo o bando de diabretes, suas enteadas. Dá nota alacre ao romance as continuas peraltagens de Leonor, Ismenia, Bugrinha e companheiras, a grazinarem como baitacas irriquietaes, sempre aos cochichos na lingua do p.

—Coi—poi—ta—pa da—pa da—pa Is—pis—me—pe—ui—pi—a—pa.

Nessa algaravia incomprehensivel aos não iniciados, fazem commentarios brejeiros á vista de todos, e, sobretudo, do padre Lívio, que é um acabado typo de senga-monga mystico. Enteadado, tambem, de Isolina, e recém-vindo do seminario, Lívio está no periodo de lucta aguda contra o mundo, o diabo e a carne.

Assaltado reiterativamente pelas exigencias brutas do instincto e pelas idealistas do coração, provocadas pela intimidade de Isolina que evidentemente o deseja, o padre vacilla durante todo o romance, quer e não quer, pratica acções inconnexas e demonstra em todos os actos uma inhabilidade congenial que o arrasta, por fim, ao sacrificio da vida na tragedia final. Tudo que faz o pobre Lívio sae errado. E' um joguete

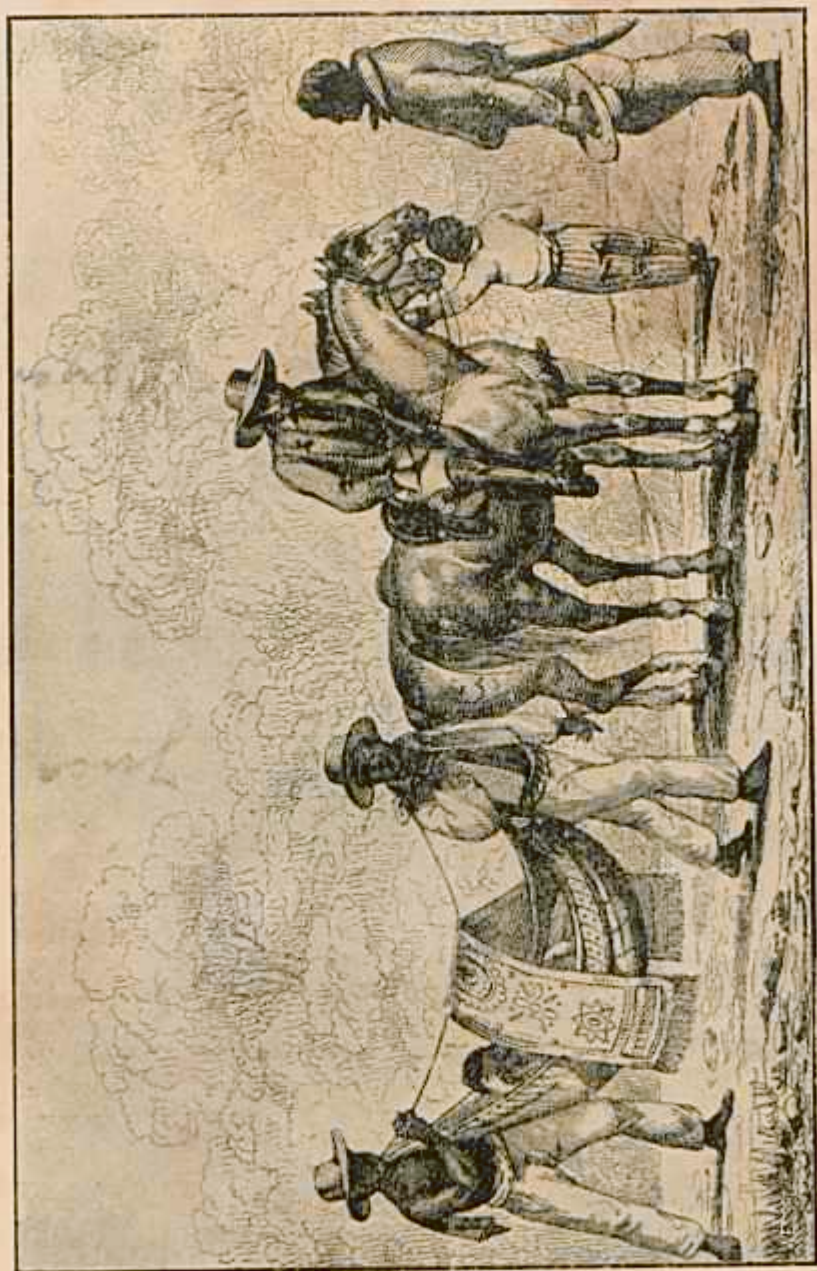




(Gravuras antigas)

Caça aos touros

Desenho de FLEURY



Viagem no Piauí

GRAVURA DE LANGLOIS

(GRAVURAS ANTIGAS)

dos proprios instinctos, das suas idéas e das alheias, da natureza envolvente e das irmãs.

Em passeio com ellas pelo pomar canta um passarinho e Leonor, oihando á sorrelha para o padre, pergunta a Ismenia a significação daquillo.

—Não sei, não...

—Ora... E' tão claro! Veja bem: «Primo! Primo com primo faz mal? Não!... Te affirmo, te affirmo!»

—E' exacto! Tal qual!... concordaram todas, procurando traduzir os gritos estridentes que vinham do bambusal. E entre a gritaria, Ismenia, dependurou-se ao ouvido de Leonor, dizendo qualquer cousa que provocou á outra uma colera brincalhona, pondo-se ambas a correr Ismenia em fuga, Leonor em ataque, com os cabellos curtos em desordem, como as crinas de um animal selvagem.

—Eu ouvi o que foi! bradou a pequena Elisa, quando as duas serenaram.

—E eu tambem, acrescentou Bugrinha.

—Boba! Cale a bocca, gritava Leonor.

—Foi isto: — «Salvo se o primo é padre!» E as duas partiram aos saltos, berrando o estribilho que Ismenia acrescentára á cantiga dos virabostas.

—Gentes, nhá-nhá!... exclamou uma das pretas moças, voltando para o grupo o seu rosto luzente, com os peitos firmes em dupla saliencia sob o tecido grosseiro, «como é que se brinca assim com padre? Coitado de Nhô Lívio! Desse geito vancês ainda bota elle a perder...»

As meninas redobram de alarido, entrando as mais velhas a tagarelar na sua linguagem secreta, e Olívio repentinamente vexado, zozzo sem saber por que, atarantava-se a relancear os olhos sobre as formas das pretas, a ouvir as risadas das primas, o baque surdo do monjolo, os gritos mordazes dos passaros pretos, como se todo o universo escarnecesse delle, numa ironia desdenhosa e cruel. Por felicidade, Fortunato voltava com a gamella vazia, e gritou logo para as meninas:

—Yâyá! Nhá Ismenia! Sinhá está chamando para almoçar...

E o bando todo levantou o vôo para a casa da fazenda, gracinando como maritacas endiabradas, deixando para traz, solitario e cabisbaixo, o vulto negro de Nhô-Lívio que, tropeçando num rebordo de canteiro, quasi ao chegar ao portão, ainda se voltou, esgueirando o olhar mortifico para as bandas do monjolo.»

Neste trecho está toda a psychologia do padre e das meninas, como está ainda a maneira viva e pinturesca do autor. Não ha quem, conhecendo a vida de fazenda, não alcance logo toda a verdade e toda a belleza do quadro.

Outro personagem de importancia no romance é o Lelé. Sacristão e curador, vai influindo com manhosa habilidade no animo crendeiro dos



sertanejos e criando fama de santo. Está apanhado ao vivo, o santarrão, typo vulgar nos sertões onde a extrema ignorancia, a bruteza e o fanatismo do povão propiciam o surto destes mysticos negociistas. Dessa massa é que saem os Conselheiros, os Zés Marias, os santos periodicos que põem em polvorosa o exercito.

Lelé abre guerra insidiosa contra o padre, e com infinita manha, crea nos sertanejos a convicção de que todos os males do anno, oriundos da seca, provêm da presença d'elle na fazenda. Aggravando-se as calamidades, exaspera-se o rancor popular, e um dia sae a lugubre procissão dos fanaticos em jornada de vingança. Entoando canticos rudes, ladainhas macabras, rotos, sujos, encachaçados, a turba atravessa campos e mattas em marcha relembrativa de coisa medieval. Correm á chacina do «Anti-Christo»... Precipita a tragedia a loucura de Isolina e o desvairamento do padre; e as duas hysterias, religiosa num, amorosa noutra, mais uma pobre creança de peito, rolam na estrada, amassados pelo porrete desvairado da turba fanatica, enquanto, por um acaso singular, os ceus despejam sobre a terra resequida a longamente esperada chuva salvadora.

«Mau Olhado» é, pois, uma preciosa contribuição para o acervo nada rico do romance brasileiro. Tudo ali é genuinamente nacional. Nenhum typo, como nenhuma scena, entremostra arte alienígena, coplada inconscientemente. Se peca, pecca por exuberancia. A catadupa de incidentes que o movimentam reflecte bem o informe e cahotico da nossa natureza indomada, alternando precipícios e monstros com remansos poeticos e beija-flores. Eis porque, até nos defeitos, «Mau olhado» é desses romances que se nos gravam na imaginação para sempre. E' a terra, é o homem, é este chaos onde se elabora uma raça, falha já em varias tentativas, mas sempre teimosa, a tactear uma forma estavel de equilibrio...

M. L.

CONFERENCIAS — SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA DE
S. PAULO — Typ. Cardoso Filho & Cía. — S. Paulo — 1914.

Appareceu novamente nas livrarias o primeiro volume das conferencias realisadas sob os auspicios da Sociedade de Cultura Artistica. São os derradeiros exemplares. Os primeiros, postos á venda ha já algum tempo, venderam-se rapidamente. Com este deve dar-se o mesmo, pois de ha muito são procurados com insistencia.

No primeiro volume das *Conferencias*, editado com muito gosto em artistica brochura, estão enfeixados excellentes estudos de Amadeu Amaral, sobre Raymundo Corrêa, de Armando Prado, sobre Alvares de Azevedo, de Garcia Redondo, sobre Arthur de Azevedo e de Pedro Lessa, sobre João Francisco Lisboa, além de um bello trabalho do nosso illustre patricio Oliveira Lima, sobre a diplomacia brasileira.



CONTAS DO MEU ROSÁRIO — BELMIRO BRAGA — Ed. C. de Seguros "Cruzeiro do Sul" — Rio — 1918.

Belmiro Braga tem por divisa a simplicidade, traduzida nos versos de Julio Dantas:

"Ser simples como a planta e como a agua,
para que todo aquelle que nos ler,
veja na nossa magua a sua magua,
e nos possa entender".

Quer, como todos os poetas aliás, ser lido e comprehendido, isto é admirado e gosado. E que o tem sido prova-o a popularidade do vatemineiro.

Entretanto, não seja a sua fé de officio a ultima palavra em arte. A simplicidade é hoje a moda entre os poetas. Tanto que o simples passou ao vulgar, banal, mediocre e prosaico. Baniram-se as ideias e as imagens. Pensamento e imaginação estancaram... Restou um fio adelgado e imperceptível de sentimento. O verso é hoje uma serie de palavras vulgarissimas, acolchetadas na mais directa das linguagens, para exprimirem um accidente mínimo, uma circumstancia, minucia de quadro mas não quadro.

Ora, isso, francamente, não é poesia. Será sombra de poesia.

A simplicidade não é e não pode ser um fim. E' um meio. Admitte-se em face de alguma coisa e não apenas por si. Simplifica-se e esclarece-se uma ideia rica, uma imagem bruta, um conceito obscuro. Simplificar, porém, a propria simplicidade...

Feitas estas restricções, leiamos as "Contas do meu rosario". Ha ali do bom e do mediocre. Para um autor como este, não é muito.

Escapam-lhe á espontaneidade do inspirado produções que o artista, o analista e o critico, que ha dentro do outro, deveria corrigir e alijar mesmo. E' assim que não escasseiam os sonetos perfeitamente característicos, de ideias vagas e imprecisas, as poesias incolores e anodinas, de forma derramada, em termos pouco exactos. Enfim, impersonalidade.

Sabemos que Belmiro Braga não aspira a fóros de artista. Contenta-se com agradar o grande publico. Todavia, é mesmo nesse publico que ha um fundo verdadeiro de arte e bom gosto, que exige nitidez e precisão, conta e medida o que não achará em profusão nos seus decasyllabos desta collectanea. Dahi, ficarão na memoria popular apenas as rondilhas entre as quaes o poeta semeou joias verdadeiras. Por exemplo:

"Minh'alma, que em vão forcejas
por conhecer outros mundos,
sonda os abyssos profundos
deste corpo em que rastejas.

Abre bem teus claros olhos
e ao teu olhar penetrante
como o ceu fica distante
desse carcere de abrolhos!



Estás enterrada viva
dentro de mim, alma pura,
que o meu corpo é sepultura
onde tu jazes captiva.

E, quando affirmo, não erro,
ao ver-te cheia de graça,
que és o brilhante sem jaca
num tosco engaste de ferro".

Nas quadrinhas septisyllabas Belmiro Braga sóe vasar a sua encantadora philosophia, com tamanho sabor popular, tão característico do nosso idioma. Vejam-se estas :

"Quanta vez junto a um jazigo
alguem murmura de leve :
— Adeus para sempre, amigo !
E diz-lhe o morto : — "Até breve !"

— Descança em paz ! a alegria
no ceu immenso é que existe...
Diz-lhe o morto : — E' tão sombria
a cova que tu me abriste !...

— Uma vida excelsa e nova
vaez ter na mansão celeste...
E diz-lhe o morto : — E uma cova
tão pequenina me dêste...

— Ascende ás regiões jocundas
dos ceus onde a paz se encerra ;
— Ascende aos ceus... e me afundas
no seio escuro da terra...

— Teu nome, puro, garanto,
jamais o tempo consome...
— Amanhã, (talvez nem tanto !...)
ninguém saberá meu nome...

Ultimas publicações recebidas :

Jarbas Loretto — Vozes Andinas — *Basilio Telles* — O Flagello dos Mares — *Corrêa de Mello* — Minutos de um anno — *Brandenburger* — Pernambuco — *Olintho Pereira da Silva* — Culto à natureza — *Olycis Acagol* — Musa Barata — Livraria Cysne (Brusque) — Hymnos patrióticos e canções populares — *Prof. Sarmento Leite* — Relatório apresentado à Congregação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre — *Tancredo Costa* — A Biblia (Erros e contradicções) — *Angebor Silveira* — Versos de bom e mau humor — *Drs. Pacifico Pereira, Ly-*

dio de Mesquita e Pinto de Carvalho — Prophylaxia da Cholera — Julio Conceição — Alberto Löfgren — Julio Maciel — Terra Martyr. — Everardo Backeuser — Litoral do Brasil — Reinaldo Cabezas Borja — Introduccion para un estudio critico del Código Penal Ecuatoriano.

Revistas: *Revista da Academia Piauihyense de Letras* — (Anno I, Vol. II) — O chic — de Timbahuá, Pernambuco. — *Archivos do Museu Nacional* — (Vol. XXI) — Rio — *Sadde* — (Ns. 4, 5 e 6) — Rio — *Atlantida* — (Ns. 33 e 34) — Lisboa — *A Aguiá* — Porto — *Revista de Commercio e Industria* — S. Paulo — *Evolução Medica* — Recife — *Revista Contemporanea* — Rio de Janeiro — *Revista Academica* — Porto Alegre — *Pasquino Coloniale* — S. Paulo — *D. Quixote* — Rio — *Gil Blas* — Rio — *A. B. C.* — Rio — *Cigarra* — S. Paulo — *A Vida Moderna* — S. Paulo — *Revista Feminina* — S. Paulo — *La Revue* — Paris — *La Revue de Paris* — Paris — *La Grande Revue* — Paris — *Revue de France* — (edições franceza e ingloza) — Paris — *La Revue Hebdomadaire* — Paris — *Journal de l'Université des Annales* — Paris — *Journal des Debats* — Paris — *Revue Bleu et Revue Scientifique* — Paris — *Mercur de France* — Paris — *Hebdo-Debats* — Paris — *Revista de Economia Argentina* — Buenos Aires — *Revista de Filosofia* — Buenos Aires — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Aires — *Nosotros* — Buenos Aires — *Estudios franciscanos* — Barcelona — *La Revista del Mundo* — Nova York — *La Revista Quincenal* — Madrid — *Revista delle Nazioni Latine* — Firenze — *Vita e Pensiero* — Milano — *Rassegna Nazionale* — Firenze — *Revue de Hollande* — La Haye — *Cultura Venezolana* — Caracas.





RESENHA DO MEZ

Olavo Bilac.

Com a sua personalidade fortemente constituída, ou, para melhor dizer, com o seu genio, que o era na mais ampla e genuína significação da palavra, Bilac permaneceu sempre, altaneiro e impassível, em meio ao largo estuário, por onde se precipitavam, escachando fragorosamente, todos os mananciaes estheticos de seu tempo, sem se deixar perturbar pelo turbilhão das ephemerias modas literarias, impenetravel a toda influencia alheia, e exclusivamente attento ás sollicitações da propria esthesia, atormentado e absorto na realização duma arte que fosse a expressão plastica e tangível de seu velho ideal, eternamente moço, de suprema belleza. D'ahi, talvez, encontrarem-se em sua obra, conjugadas por uma habilidade extrema para a formação de obras-primas de emoção e de gosto, os pendores mais antagonicos da poesia contemporanea — combinação essa perfeitamente evidenciada em innu-

meras de suas poesias que, abstracção feita da lingua, podiam parecer idealizadas por Paul Verlaine, o sensacionista, e executadas por José Maria de Heredia, o plastico.

Registe-se ainda, em louvor do artista, o ter resistido, como ninguém, nos dominios da literatura nacional, á seducção produzida sobre a maioria dos espiritos, pela poetica enygmatica e sybilina, originaria de França, e em cuja concepção entrara menos um equivo-co esthetico deploravel, de que a predisposição tradicional dos gaulizes para a mystificação e para a *blague*, mas não obstante suas apparencias suspeitissimas, conseguiu fazer furor em toda parte. Poeta que nobre, verdadeiramente aristocrata pela propria elevação de seu espirito, nunca teve Bilac a pretensão snobica de ser um incomprehendido, talvez por bem saber que arte destituída do poder de impregnar e saturar o ambiente moral dos poeys, insinuando-se de maneira subtil em todas as al-

mas, sejam refinadas ou sejam rústicas, pôde constituir um passatempo divertido, uma curiosidade, uma chinezice interessante, mas nunca logrará ser a magnífica arte soberana que perpetua e immortaliza. Sem uma vulgaridade que os deslustre, sem um plebeísmo que os deshonre, livres por igual dos logares communs de idéa e de forma, tão altos na concepção quanto delicados na factura, permanecem seus versos, entretanto, ao alcance fácil de todas as leituras, e nunca se embaraçaram ou equivocaram na busca ansiosa do caminho que conduz ao singelo mas augusto limiar das almas simples. Sua naturalidade, que é apenas apparente, e, na realidade, esconde apenas, por um prodígio de insuspeitáveis torturas, o angustiado cubiçar da perfeição; sua discreção na escolha dos efeitos, e, finalmente, sua simplicidade e sua clareza inexcusáveis, fazem acreditar que elle tivesse presente, a todas as horas da faina creadora, o preceito illuminador de Miguel-Angeio: «A arte é a eliminação de toda superfluidade». E ahí está o maximo factor da voga sem exemplo que conquistara, e que concorrera para dar á sua morte uma feição apocalypticá, de catástrophe.

Quando, por effeito da maior guerra de todas as éras, entrou a humanidade numa crise de contricção e mysticismo, como já lhe acontecera por volta do anno 1.000, á eclosão do Grande Medo, a alma sensível e generosa de Biliac registrou immediatamente, qual ressonador delicadíssimo, muito antes de o definirem psychologos e sa-

bios, esse novo e imprevisito estremecimento da psyche universal. E em dois sentimentos para logo se lhe fixou o profundo abalo recebido: uma repulsa, aliás injusta e dolorosa, duma parte de sua obra que elle passou a stygmatisar, chamando-lhe lizeñciosa e futil, e sem a qual, todavia essa obra deixaria de ser, como é, integralmente nacional, retrato moral duma raça simultaneamente lasciva e casta, sombria e leviana; e um enthusiasmo inteiramente novo pelas grandezas do seu paiz —enthusiasmo que brotou, como surge uma flor d'entre ruínas, dos escombros da illusão pacifista, e que a elle mesmo o abalou e surpreendeu profundamente, verdadeira visão de Damasco, radiosa e purificadora.

Desde então, totalmente transformado, fez-se paladino o rapsodo, o epicurista se metamorphoseou em heroe. A commoção humanisíssima do homem, que estremece e se perturba, presentindo os perigos a que se expuzera a Patria contemplativa e idealista, em meio ao bando tumultuoso dos chaceas que se entre-devoram pela exclusiva dominação do universo, veio juntar-se a emoção do artista, que uma sede de exaltações inéditas, havia muito, secretamente torturava. E o estro, que se lhe desalterara quasi exclusivamente no amor, nos delirios que o amor semeia, nas tristezas e angustias que no amor se geram, resplendeu com extranho fulgor, á percepção alvifareira de que a mais antiga das fontes, a fonte dos themas épicos e dos motivos marciaes, rejuvenescera, recompuzera integralmente a

primitiva virgindade, através do prolongado, crudelissimo abandono. E, como dentro em pouco, toda a nacionalidade, recobrando a consciencia do real, se erguia e se agitava, á agoniada vibração do mesmo alarme, Bilac foi, mais uma vez, a consciencia collectiva e, esforçando-se por despertar forças colossaes que haviam imprudentemente adormecido, crear uma energia nova, galvanisar um civismo que estava quasi morto, fez-se o nume tutelar da grande Patria. O analista indifferente e frio, a Renan, que dissecara Braz Bocô, e o deixara para ali, na irremediavel melancolia da viviseccção reveladora, foi substituido por aêda entusiasta, cuja suprema aspiração é conseguir que o hilare fanteche se transforme em rutilante herôe.

Invejavel, generoso Destino o que reservára a Bilac essa missão, precisamente quando já poucos annos lhe restavam para amar e pelear, combater e produzir. Aquella bondade instinctiva que sempre o trouxera fechado ao contagio das degradações e torpezas, caracteristicas dos meios literarios; aquella inalteravel candura que o fazia acolher com sympathia a legião dos artistas estreantes, e, entre outras, inspirou a chronica famosa em que elle proclamava o genio, a despontar, de Hermes Fontes: tudo quanto era nelle idealismo puro, paixão imperecivel por todas as modalidades da Belleza, ansiedade profunda pelo advento de mythos que possam fazer refflorir, no coração do homem, a eterna e suave illusão, e dar-lhe de novo a alegria branda de acreditar e esperar: tudo o que nelle vibrava, de

nobre, de generoso, de santo, crystallizou-se e refulgiu na tarefa messianica de levar a todos os jovens do Paiz, precocemente gosa-dores e scepticos, a palavra de fô salvadora, o louvor do sacrificio necessario, o evangelho luminoso da redempção.

(Trecho de uma conferencia realisada pelo dr. Benjamin de Araújo Lima, no Theatro Amazonas, de Manaus, sob os auspícios da Sociedade Amazonense de Homens de Letras.)

Do Theatro.

Leio mais uma vez, por ahí, que o theatro nacional vae em franca decadencia... E' velha canção de todos quantos acreditam que as coisas nacionaes devem seguir peugada a peugada as européas na desigualissima carreira da vida. E como nessa peugada theatral, o nosso paiz teima em não acertar as plantas no recorte exacto do rasto deixado pelos mais velhos, bradam todos que não temos theatro, ou, se o temos, antes o não tivessamos.

E' a choradeira geral. Entretanto, parece-me, todo o mundo chora lagrimas de pouca ou nenhuma razão. O theatro nacional não vae em franca decadencia nem em franca ascendencia. Caminha no nível mediano das coisas que não podem ser outras. Nós não tivemos tempo para forjar um com a mesma tempera dos outros. Censurar-nos por isso seria o mesmo que fazel-o a alguém por não ter inventado a polvora. Não tivemos tempo. Quando chegámos, já se não usavam os mesmos materiaes da forja antiga.

O theatro, em toda parte brotou sempre logo depois das edades heroicas. Nós não tivemos heroismos como não criámos deuses, nem systemas philosophicos, nem nada de tudo quanto as nações criavam antigamente. Nos nossos tempos os povos já não criam dessas coisas. E a nós, povo infante, não nos ficaria bem andar agora aos arremedos aos avós no uso dos seus collarinhos obsoletos ou do seu rapé demodado.

Demais o theatro nunca chegou a ser uma arte. De começo foi uma necessidade, depois uma reminiscencia. Nos tempos em que a França era na Grecia, não havia jornaes. Livros, muito menos. Havia, contudo, nos fazedores de litteratura o mesmo louvavel sentimento altruistico, que os impellia a repartir com o proximo o thesouro das idéas com que a natureza os prendara. Dahi, a primeira idéa que lhes acudia foi naturalmente a de reunir os amigos e desoccupalos, e declamar, as outras para gaudio de todos e honra do declamante. Como o povo gostasse da historia, nasceu disso a industria da rhapsodia.

Com o tempo, a observação indicou que isso de desandar um autor para o proximo com tiradas de uma só bocca não era o melhor processo de lhe afugentar o somno. E' de crer-se que, entre uma e a seguinte façanha dos Atridas, muita gente bocejasse ou, quando menos, desviasse a attenção para a morte da bezerra. E mesmo o autor ou o seu oraculo não estavam de todo isentos da somneca, tanto assim que a tradição conserva recorde do caso de Homero, que apesar de todas as suas excellencias, dormita-

va de vez em quando. Toda la-dainha traz em si resalbos de somnismos.

Foi quando a um autor mais engenhoso occorreu espieçar a attenção do publico com a variação dos timbres e das attitudes. Então, congregando devotos dyonisiacos, e concertando com elles a distribuição das personagens, repartiu os papeis das suas historias, dando nascimento ao theatro. Este, de Euripedes a Aristophanes perliustron a etapa gloriosa e admissivel da sua carreira. Tão gloriosa que lhe não faltaram subvenções officiaes, como hoje acontece a qualquer empresario argentino.

Mas mesmo nessa gloria não desmentia elle a origem, pois é sabido como, em meio das suas comedias, aproveitava-se o Aristophanes da distracção do publico para, trepando á parabase, deitar dalli verdadeiros artigos de fundo, com que ideava reformar os costumes dos seus compatriotas. Assim o theatro era apenas um artificio de que se serviam os autores para a vulgarisação das proprias idéas. Criára-se o theatro para as obras. Depois é que vieram, e muito depois, os Corneilles e os Shakespeares que, pervertidos pelo tempo, fizeram vice-versa.

Hoje, porém, que não faltam aos contadores de historias jornaes e livros por que o façam commodamente, o theatro vive apenas entre os povos de mais antiga civilisação, como uma tradição innocente, de cuja innoculidade ninguém se deu ainda á pachorra de aperceber. Elle era alguma coisa quando era, em certo sentido, uma escola ou um oraculo. Nem uma e

nem outra coisa, hoje, é escrescência.

Com a intuição desse facto tratam os empresarios de hoje de transformar-o em aparelho de fazer rif, fazendo-o moer peças que contêmham o mínimo possível de ideias, mas o máximo de cócegas necessário para sacudir as enxundias abdominaes das platéas numa gargalhada sacolejante. Em toda a parte elle desmedra. Se ha casos como o de Rostand, esses não contam porque os explica o "frisson" do entusiasmo francez que em "Cyrano" e em "Chantecler" mais a si mesmo se applaudia que ao poeta ou aos seus interpretes. O mundo, ao vêr o francez gostar, gostou também. Nada mais contagioso do que o paladar gaulez. Mas logo virá tempo em que Rostand será muito lido nas suas bellas encadernações douradas, mas mediocrementes aturado nos berros e arremessos da ribalta.

O amplo scenario de Eschylo, montado sobre collinas, retrahiu-se, com Molière, ás proporções de uma sala. e é teima baldada darem-se-lhe hoje palacios. Elle ha de descer até o kiosque, para sumir-se de vez como todas as coisas.

Porisso o theatro nacional, mesmo galvanizado pelo esforço de Arthur Azevedo, nunca dará de si mais do que lhe compete: — as revistas e respectivos compadres, que são tudo quanto cabe dentro da nossa uberidade dramatica.

Tambem não fomos nós que fizemos a guerra de Troia, e sisudamente, ninguém nos menospreza por isso.

LE'O VAZ.

Do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo)

O Rio Branco.

Os jornalistas de ha vinte annos lembram-se ainda, sorrindo de si mesmos, do susto com receberam e commentaram os telegrammas de Paris, noticiando o apparecimento ali de Brezet, presidente da Republica do Counany, no territorio brasileiro do Amapá. Inteligente experto, imaginoso, Brezet descrevia com admiravel colorido a prosperidade das suas terras levantando e estendendo na ignorancia geographica do parisien-se as torres das cidades, as linhas das estradas, a abundancia das culturas, como se lhe tivesse cabido, realmente a descoberta do El-Dorado. E com essa fortuna verbal, escolhia ministros, nomeava secretarios, projectava emprestimos, combinava empreendimentos assombrosos, em que se deviam multiplicar, como os peixes do sermão da montanha, o centimo do mendigo e os milhões do capitalista.

Por essa epoca, mais ou menos, appareceu no mesmo scenario uma outra figura igualmente brilhante e curiosa: Jacques Lebaudy, imperador do Sahara, cuja capital se erguia no mais fertil dos oasis, e cujo nome era saudado, da manhã á noite, no areal e junto ás cisternas, á sombra das tamareiras, por todos os beduinos do imperio. Os seus dominios eram aridos e desolados; sob a areia palpitavam, porém, os veios de ouro e, em breve, com a irrigação dos areaes, reventaria por toda a parte uma civilização nova, que se manifestaria pela fartura de trigo, de fructos, de metaes, em que se iriam abastecer as cidades da Europa.

Dêsem-lhe dinheiro, capitães, elementos para a realização dos planos methodicamente concebidos, e dentro de um decennio o Sahara estaria transformado, com certeza, em celeiro do mundo. E, na sua megalomania, distribuia títulos, commendas, cargos diplomaticos, governos de provincia, commandos de exercito, formando uma corte que se fragmentava pelas redacções, pelos clubs, pelos boulevards, pelos cabarets e que era tão inconstante como a areia do seu deserto.

A região amazonica, em que Brezet situou a sua Republica Imaginaria, foi propicia, sempre, aos caprichos da imaginação europea. A descoberta e a posse de Cusco, onde se amontoavam as atordoadas riquezas dos Incas, acordaram nos hespanhoes, instigados pela vingança dos naturaes, a idéa de uma cidade ainda mais opulenta, situada para o centro do continente. Era El-Dourado, o reino magnifico de Manóa, cuja capital era toda de ouro e onde as montanhas de ouro se levantavam, polidas, multiplicando a face do sol. Tentado por essa noticia, Diogo Ordaz, varão em quem se casavam os vícios da ambição e as virtudes da coragem, obteve de Carlos V, em 1531, o governo desse paiz refulgente e fabuloso, e partiu, com mil homens decididos, a conquistá-lo em nome d'el-Rey de Castilla. A' entrada do Amazonas, porém, as aguas o repudiaram no impeto das porórecas, fazendo-o voltar á ilha da Trindade, onde se fortaleceu de homens e mantimentos para a loucura de uma

nova investida. Falhou, entretanto, mais uma vez, a tentativa: a expedição foi desbaratada, no Orenoco, pela febre e pelo selvagem, terminando a empresa pelo assassinio ou pelo suicidio do aventureiro, cujo corpo foi atirado ao mar, no caminho das Antilhas.

Quatro annos após a primeira partida de Ordaz, subia pelo mesmo caminho fluvial o seu mestre de campo, Alonso de Herrera, que chegou muito mais longe, até a linha das cachoeiras. Ahí, porém, o atravessou uma flexa mysteriosa, que o matou, matando tambem a esperança da expedição. Esta, faminta; acoessada pelas feras, perseguida pelo indigena, recuou heroicamente para o litoral, de onde se fez á vela com a sua desillusão.

Felipe de Ure, Walter Raleigh, Antonio de Barrio, Pedro de Ursua, Lopo de Aguirre, Ximenex Guezada, Nicolau Hortsman, são nomes que marcam novas tentativas temerarias na direcção dessa terra de maravilhas. Raros, porém, de lá regressaram, e os que chegaram a ver, de novo, a agua do mar, vinham esfomeados, enfermos, perseguidos e tão tristes, tão abatidos, tão esfarrados como o seu sonho...

Agora, após dois seculos de enganços dolorosos, voltaram os visionarios do Amazonas prodigioso. Elles não se chamam nem Raleigh, nem Aguirre, nem Ordaz: Chamam-se Lauro Muller, Alvaro de Carvalho, Antonio Azeredo, Urbano Santos, Victorino Monteiro, e são tentados, não pelos selvícolas fallaciosos, mas pelo bispo do Rio Branco, naquellas paragens, que acaba

de fundar no Rio Jaseiro, com o auxilio daquelles patriotas, uma sociedade destinada a incrementar o desbravamento da sua diocese.

O Rio Branco, a que allude essa instituição, é uma das regiões mais opulentas do globo.

Não se levantam nas suas terras, é certo, as montanhas de ouro e de pedraria dos primeiros navegadores, nem se abrem nos precipícios, como no paiz dos kakuanas, os thesouros de Salomão; ha, porém em toda a sua extensão, 60.000 milhas de cursos d'aguas, jazidas metalliferas, florestas formidaveis, campos vastissimos, um clima de paraíso, nas planicies, soltos, quasi sem dono, trezentos mil bois, sete mil cavallos, tres mil carneiros, cinco mil porcos, quatro mil cabras, dous mil jumentos, enfim, a fortuna de Job, muito antes ou muito depois da experiência divina! As riquezas naturaes que possui são assombrosas. Plínio, nas suas florestas, encontraria aquellas arvores que abrigavam exercitos. A' margem dos seus rios, Herodoto descobriria aquellas tartarugas da Lybia, de cujos cascos se edificavam cabanas. Cada cacho de fruta que a terra produz, carregaria, como os de Chanaan, dous homens de Josué. E', enfim, uma riqueza de fabula, uma opulencia de prodigio, uma terra de maravilha, um paiz de encantamento!

Um elemento unico, falta, entretanto a essa região abençoada: o homem, que labe o boi, que apanhe a banana, que pegue a tartaruga, que se utilise, em summa, desse presente do céu. O que lá existe é discipulo daquelle pregui-

çoso da anecdota, que, indo aperfeiçoar-se em indolencia no horto de um especialista que esperava pela queda da maçã para comel-a, morreu de fome á espera de um galho que lhe levasse o fruto á boca.

O sr. Luciano Pereira, que visitou o Rio Branco ha dous annos, conta a proposito dessa preguiça do natural um caso caracteristico. Extranhando a escassez de cereaes que observara em toda aquella zona tão fértil, o engenheiro Almeida Braga chamou um dia, na viagem, um caboclo da região, e perguntou.

— Diga-me cá, meu amigo, aqui no Rio Branco não dá milho?

— Não, senhor, não dá.

— E feijão?

— Não dá, não, senhor.

— Vocês já plantaram?

E o caboclo:

— Ah! plantando, dá...

E' que a terra para elles, «dá», unicamente quando apresenta o fruto sem trabalho para o homem, como lhe succede com o pomo sylvestre, e como a agua faz com o peixe, a quem o caboclo não engorda nem cria, e que se lhe vem entregar, voluntariamente, á ponta do anzol...

Os novos Aguirre, os novos Raleigh, os novos Ordaz, os novos Herrera, resolverão, por acaso, o problema economico do Rio Branco? A associação fundada pelo pastor daquelle diocese conseguirá, porventura, o que conseguiram os armadores de Castilla e da Hollanda, a quem se deveram tantas expedições fructuosas ou mallogradas? Para isso ha, apenas, um meio: é

o sr. Antonio Azeredo, o sr. Lauro Muller, o sr. Alvaro de Carvalho, o sr. Victorino Monteiro e o sr. Urbano Santos armarem uma frota, e velejarem, com o bispo, para as aguas do Rio Branco.

Pudesse uma só não contel-os todos

E o piloto... fosse eu!

HUMBERTO DE CAMPOS. (Da «Gazetas de Noticias» Rio).

Napoleão Jornalista.

André Beaunier dedica um artigo na *Revue des Deux Mondes* a um estudo sobre Napoleão jornalista, feito por A. Pèrier, antigo director do *Figaro*, em que este escriptor, no excesso da sua admiração por este aspecto menos conhecido do grande homem, por pouco que não sacrifica a gloria militar do eminente cabo de guerra.

Em Lodi, no anno de 1796, Bonaparte começara a sentir-se predestinado a influir nos destinos de sua patria, e logo se preoccupou com a opinião publica, entrevedo a importancia dos jornaes, assim como a utilidade e os inconvenientes de uma imprensa bem ou mal dirigida. Em 26 de Agosto escrevia de Milão ao Directorio, queixando-se dos «disparates» que os jornalistas de Pariz publicavam diariamente acerca do Rei da Sardenha, o que elle desejaria ver desmentido num jornal official.

O Directorio tinha então apenas um jornal á sua disposição, o *Redacteur*, que era, porém, de pouca importancia e não impunha silencio á opposição realista nem á revolução. Bonaparte começou então a mandar ao Directorio uma série de artigos que respondiam aos furiosos ataques da opposição, que,

chegando ao conhecimento do exercito francez na Italia, poderiam desmoralisal-o e enfraquecel-o. E sem se preoccupar com o destino que o Directorio dava aos seus artigos, mandava-os imprimir e distribuir pelos seus regimentos.

Em 15 de Julho de 1797 Bonaparte escrevia ao Directorio: «O Exercito recebe grande parte dos jornaes que se imprimem em Pariz especialmente os piores. Mas o seu effeito é precisamente o contrario do que elles se propõem: a indignação chegou ao seu auge... Mande destruir as typographias vendidas á Inglaterra... mande destruir os prelos do «Thé», do «Memorial», da «Quotidienne», mande fechar o Club de Clichy e mande imprimir cinco ou seis bons jornaes constitucionaes...»

O Directorio nada fez, naturalmente. As idéas de Napoleão acerca da imprensa eram as seguintes: julgava influentes os jornaes, mas desprezava os jornalistas. A imprensa era um poder entregue a mãos ruins e tornava-se necessario confial-a a mãos melhores e não sendo isto possivel, ás delle proprio. A principio procurou crear um jornal official, mas faltaram-lhe os homens de confiança, por conseguinte fez-se jornalista.

Em 1797 Bonaparte fundou em Milão «Le Courier de l'Armée d'Italie» ou «Le patriote français à Milan», que só viveu um anno. Fundou em seguida «La France vue de l'Armée d'Italie», com o fim de fazer conhecer á França «o modo como a sua situação é considerada na Italia». Bonaparte não dissimula a autoridade que conquistou na Cisalpina, potencia com

a qual terão de contar os realistas, os terroristas e o Directorio.

No Egypto, Bonaparte fundou dois jornaes, o «*Courrier d'Egyptes*» e «*La decade égyptienne*».

Durante o Consulado, comprehendendo quanto era necessario limitar a liberdade da imprensa para manter a sua autoridade, Bonaparte promulgou em 1800 um decreto conferindo ao Ministro da Policia a faculdade de deixar publicar e distribuir apenas um certo numero de jornaes.

Outros «instrumentos nas mãos dos inimigos da Republica» tinham de ser supprimidos. Os proprietarios e redactores dos jornaes, que sobreviveram a esta hecatombe tiveram de justificar a sua qualidade de cidadãos francezes, sob pena de serem igualmente supprimidos os seus periodicos.

Não bastavam, porém, estas supressões; era necessario fundar uma imprensa dedicada ao partido de Bonaparte e á causa da França, o que era menos facil do que aquillear a imprensa contraria. Os admiradores desastrados ou tolos irritavam-n-o a ponto de elle mandar inserir o seguinte aviso: «Diz-se que Bonaparte recusará receber quem se permittir dirigir-lhe louvores exagerados ou ridiculos.»

A censura foi muito vigilante sob Bonaparte, não tanto, porém, como elle desejaria. «*La Vedette de Ruen*», «*L'Ami des Lois*», «*La République démocrate*» foram supprimidos por causa das phrases pouco respeitosas para com as autoridades ou por noticias intempestivas; a «*Gazette de France*» e o «*Journal des Débats*» suspensos por terem inserido o Breve do Pa-

pa aos bispos emigrados; «*Le Bien informé*», «*Les Hommes Libres*» e «*Défenseurs de la Patrie*», convidados a tomarem redactores de incorruptivel moralidade e patriotismo.

Bonaparte teve finalmente o seu jornal, o «*Moniteur*», jornal que elle redigiu além de dirigir. Escrevia no «*Moniteur*» contra a Inglaterra, e teve de sustentar uma longa e violenta polemica contra o Governo britannico e contra a imprensa ingleza. Os seus artigos eram, segundo a opinião de Thiers, «obras de arte, de raciocínio, de eloquencia e de estylo».

Mas quando Napoleão não escrevia, o «*Moniteur*» parecia vazio. Sauve, o redactor chefe, não sabia o que publicar. «Mais um elogio da vaccina! E' muito secante!» exclamava Bonaparte quando Sauve recorria a esse assumpto repisado—para encher as columnas do jornal. Por falta de original Bonaparte mandava muitas vezes communicados e desmentidos: «E' falso que o Primeiro Consul tivesse gasto 200.000 francos numa festa, como affirma «*L'Ami des Lois*». O Primeiro Consul sabe que 200.000 francos representam a paga de uma brigada durante seis mezes». «E' falso que Mme. Bonaparte tivesse encomendado uma carruagem em Inglaterra».

Durante o Imperio Napoleão collaborou menos no «*Moniteur*» e durante esse periodo o redactor chefe não ousava publicar nada que lhe pudesse merecer uma censura. Napoleão mandava vir as provas e corrigia-as sem piedade.

Em 1811, quando se tratava de annunciar que o Imperador espe-

rava um herdeiro, o redactor escreveu que a Imperatriz estava grávida. O imperador notou á margem: "Inconviente" e corrigio: "Dado o seu estado, Sua Majestade a Imperatriz não pode assistir á revista". De resto, indigência absoluta de idéas. Que podiam contar aos seus leitores o "Moniteur" e outros jornaes, sob um regimen de tão severa censura? Nada, mas apesar disso lá iam vivendo.

Em plena campanha de França, em 1813, Napoleão fornece ainda idéas aos jornalistas: "Senhor duque de Rovigo—escrevia elle a Savary—porque não manda commissarios ás terras que libertamos dos inimigos, para recolher pormenores das atrocidades por elles commettidas? Procurem-se testemunhas, cite-se factos". E' um programma de inquerito com o qual Napoleão inventou o "reportage" moderno.

No fim do seu reinado Napoleão dizia a Narbonne: «O que eu fiz, deveria fazel-o, porque só eu poderia succeder á revolução e occupar o seu lugar". Napoleão sempre se sentiu só, mesmo no campo do jornalismo; por falta de jornalistas adequados ao seu programma, fez-se elle próprio jornalista e levou a esse ramo da sua actividade a intelligencia e o genio que manifestou em todos os demais. —(Alter Ego—Jornal do Commercio—Rio).

A Albania.

Com o nome de Albania designam-se os quatro ex-villayets da Turquia europeia, conhecidos pelos nomes de Scutari, Kosovo, Monas-

tir e Janina. Têm-se geralmente os albanezes pelos descendentes directos dos illyricos, que foram os primeiros a colonisar as margens orientaes do Adriatico. Tres são as religiões que se professam na Albania, sem haver com isto intolerancia religiosa: a catholica, a orthodoxa e a musulmana.

Independente a despeito do esforço grego, só por traição submettida aos romanos, tem a Albania o seu heroe nacional em Skanderberg, do seculo XV; este excellent general, que se intitulava rei do Epiro e da Macedonia, reinou de 1443 a 1447, não alimentando outro objectivo que não o de garantir a liberdade e grandeza de sua patria, posta em perigo pela ambição turca. Após a sua morte permaneceu de pé a independencia por quatro seculos, não havendo nunca conseguido o governo ottomano impôr a sua auctoridade aos districtos montanhosos do paiz; só as cidades se sujeitaram á viva força. Foi todavia sobretudo em 1876, sob a influencia das aspirações servias, bulgaras e rumenas, que os albanezes exigiram vigorosamente a sua autonomia. Em 1878, quando o congresso de Berlim adjudicou ao Montenegro dois cantões albanezes, certos territorios á Servia e á Grecia outros, desencadeou-se por toda parte a revolta, que não ponde ser soffreda senão á custa de sangue. A «Liga Albanesa», instituida então com o intuito de fazer prevalecer as reivindicações indigenas, redobrou de esforços em 1897 e 1903. A sua propaganda no meio das tribus foi coroada em 1903 de fructuosos resultados. O programma de inde-

pendência assumiu desde logo uma feição inteiramente parlamentar, e o deputado albanes Ismael Kemal Bey fundou um novo partido, a «União Liberal», para contrapor-se à junta «União e Progresso». Por occasião da elevação dos Jovens Turcos, tornou-se definitivo o rompimento entre a Porta e a Albânia. A luta da independência não teve dali por diante um momento de tregua sequer; eram insurreições sobre insurreições entre as tribus, até que em 1912 chegou a revolta ao ponto culminante e Ismael Kemal Bey, o fundador da «União Liberal», proclamou em Valona em 1912, mercê da guerra balkanica, a independência de seu paiz, deixando constituido um governo provisório. Entramos agora na recordação de factos presentes ainda na memoria de todos: em 1913, a Reunião dos Embaixadores em Londres converteu em que se considerasse a Albânia estado independente; vieram depois o breve reinado do principe de Wied, as complicações, as dissensões fomentadas pela Austria, novas sublevações e por fim a fuga precipitada do monarcha. A seguir, a guerra...

E' propicio á Albânia o ensejo para adquirir uma organização estável, de molde a assegurar-lhe uma autonomia que, através de seculos, em meio de luctas incontáveis, jamais deixou de reclamar, bem como para cercar-se duma protecção de que necessita para viver em paz uma vida eficiente e normal.

O esforço expendido pelos Alliados no decorrer da guerra, com o fito de fazer mais e mais suave a

sorte da Albânia, foi consideravel, tendo conseguido infiltrar a civilização latina em regiões selvagens e crear solidos laços de gratidão entre albaneses e italianos.

A posição da Albânia sobre o Adriatico — a sua proximidade de paizes onde sempre actuou a influencia latina, e onde a influencia italiana em seguida, mesmo sob o dominio austriaco, exerceu continuamente uma acção bem-fazeja — a necessidade em que se vê de apoiar-se numa armadura civilisadora — a propria aspiração dos seus habitantes, tudo concorda em confiar á Italia a superintendencia duma Albânia autonoma.

Uma politica de contentamento que visasse satisfazer a todos e partilhar entre varias potencias o dominio da Albânia, iria chocar-se de encontro aos interesses primordiais desta região e crearia uma ordem de coisas insustentavel, injusta, preche de perigos e incompativel com a segurança de que tanto necessita a Europa. — WHITNEY WARREN — (*La Renaissance* — Paris).

A musica japoneza.

Comparou Saint-Saëns, uma occasião, a musica chinesa ao uivo do seu cão; isto nos diz, e é certo, que ha um abysmo entre a musica do Oriente e a nossa. Melodias que nos produzem impressão intensa, deixam os japonezes de todo indifferentes, assim como as arias que nos põem absortos não apresentam para elles o mais leve attractivo. Comquanto se interponha um abysmo entre ambas as artes oriental e occidental, um ja-





(GRAVURAS ANTIGAS)

Fazenda

DESENHO DE FLEURY



(Gravura Antiga)

Caça nas margens do S. Francisco

DESENHO DE VANDER-BURCH

ponex ha de vasto talento, Kosçak Yamada, que empreheendeu tornar-nos accessivel a musica de sua patria. Conta elle estabelecer para isso uma como que «alliança cordial» entre as duas artes musicas. Editar-se-ão brevemente em Nova York dois volumes neste sentido, um de canções populares japonezas e outro de dansas adaptadas por esse auctor. Zorao Taketomo, que prefacia um delles, nos informa que a maioria desses cantos remonta a varios seculos de antiguidade, sendo entretanto queridos ainda hoje em dia no Japão. Um «cantico buddhista» particularmente interessante, tem as suas raizes no seculo XI, correspondendo pouco mais ou menos ao nosso rondó medieval.

O segredo da exequibilidade de taes transcripções reside no modo por que foram as melodias expressas em termos occidentaes — si assim é permittido dizer. A notação musical dessas melodias differe, com effeito, por completo da nossa e submettel-as as leis da nossa harmonia seria deturpar essas flores incultas do genio nipponico, pois a musica do Japão é como uma pintura essencialmente linear, e é só pela addição de novas linhas á linha ás vezes um tanto tenue, quer dizer, utilizando-se do contraponto e não da harmonia, que se vem a reforçar a musica japoneza e tornar-nol-a intelligivel. E esta adaptação é engenhosa bastante para que, cantadas embora com acompanhamento de piano, não percam as arias nada do seu encanto para o ouvido japonéz.

Quanto ás dansas artisticas, constituem parte importante da pro-

ducção musical japoneza; não são dansas populares ou de salão, sim, porém, dansas escriptas adrede para a execução por artistas profissionais e dão plena idéa da arte moderna do Oriente.

Este congraçamento da arte musical do Occidente com a do Japão será para este paiz de alta importancia. Já se estabeleceram nelle, aqui e acolá, escolas de musica calcadas sobre o modelo europeu. O Sr. Yamada fundou e dirige uma sociedade philharmonica cujos alumnos, entre os quaes se notam principes, formam uma musica extremamente original de estilo occidental. Espera-se que o terceiro filho do actual imperador, tambem pianista de merito, venha a ser mais tarde um verdadeiro mecenas. — (*Musical America* — New York).

A questão das raças em Versailles.

Os que já attingiram um certo grão de adiantamento sobre a época e chegaram a conceber o verdadeiro «espírito de humanidade», custam a comprehender como podem os estadistas, ora reunidos em Versailles, discutir a chamada «Questão das raças».

A nós, outros, sul-americanos, nascidos e creados em pequenas e grandes «babeis», que são as republicas do continente, ainda que aos de além mar repugna essa discussão sobre a preeminencia de certas variedades da especie sobre outras, tão habituados estamos a vel-as todas trabalhar e viver em harmonia debaixo das mesmas latitudes.

Em 1906, desembarquei em São



Francisco do Sul e, depois de encher os olhos com as maravilhas daquela enseada, emoldurada pela mais linda cortina de verdura que as matas ali compõem, dirigi-me a um preto retinto, operário que conduzia um desses carrinhos, cuja invenção se attribue a Pascal.

O preto carregava tijolos. E quando lhe pedi a informação de que precisava para meu governo, respondeu-me, arregalando, sem entender:

— «Ich sprech nur deutsch...»

O descendente de antigos africanos escravos tinha-se identificado com a gente allemã que vive por aquelles recantos do Brasil; assimilára todos os habitos dos tentos: só falava allemão... e estava trabalhando.

Escolho este exemplo entre tantos para que se veja como é difficil caracterizar no Brasil, uma «questão de raças». Exemplos mais communs não é preciso alinhar. Aqui, todos os arabes ricos são, pelo menos, maiores da Guarda Nacional. E por estes dias os japonezes de Iguape hão de se assentar na Camara Municipal, legislando pasturas para o municipio.

Entre anthropologistas o Brasil é apontado como o grande exemplo das possibilidades das chamadas «raças inferiores». Jonsthor, publicista de nota na America do Norte, levou a sua documentação a ponto de fazer figurar um dos nossos presidentes, entre os representantes da raça negra, cuja defesa propugna com calor.

Na Europa, todavia, o espirito interesseiro e acanhado dos politi-

cos, que desejam acenar para o povo com a miragem das conquistas coloniaes, capazes de desafogar a industria e o commercio nacionaes, tem o maximo empenho em manter de pé a debatida questão. E' preciso provar, de todo modo, que ha povos incapazes, destinados pela natureza a servir aos outros. As noticias das conferencias do Trianon não habilitam a conhecer que orientação estão dispostos a seguir os homens da França, quando por occasião de se tratar, ali, do assumpto. Mas, se o passado de cada qual é a melhor garantia do seu agir futuro, Clémenceau, o grande chefe da «leader nation», como nos Estados Unidos já se tem chamado a França, é facil prever que o grande republicano não deixará que os estadistas patricios propugnem os ideaes da chamada anthropo-sociologia, em cujo nome a Allemanha esmagou sua patria em 1870, e quiz garrotear o mundo em 1914.

Porque, muito melhor que as palavras das discussões entre doutos, valem os factos deadobrada diante de todos. E a guerra, cuja herança formidavel de problemas, os testamenteiros de Versailles estão a discutir, permittiu que se rehabilitassem por si mesma, por sua acção, por sua coragem, por sua resistencia, por seu altruismo, as raças infelizes, que nasceram na Africa, na Asia ou America e que sem aquellas qualidades, deixar-se-iam ficar na quietude farta de seus tropicos viçosos, a gozar riquezas da natureza dadivosa, ao envez de ir morrer na defesa das cidades, dos campos e dos thesouros que lhes não pertencem dire-



ctamente e são apanágio das terras onde têm nascido seus opressores.

Que fará a «leader nation»? Nessa hora de justiça e equidade esquecer-se-á dos benefícios que deve aos «inferiores», que dos confins da Austrália, da Indo-China, da África e da América lá se foram a defendê-la?

A chamada questão das raças tem realmente duas faces: a da «igualdade» e a da «hierarchia». Durante muito tempo os dois pontos de vista se entrelaçaram nas discussões que se levantaram ao redor das afirmativas de Gobineau, Chamberlain, Lapouge, Amon... «et comitante caterva».

Antes da guerra, porém, já o «espírito de humanidade» se tinha desenvolvido entre os cientistas. E, para collocar a biologia de acordo com a sociologia, começaram a distinguir, naquella problema, os seus dois termos irreductíveis. A noção de que a dissimilhança das raças nada tem a ver com a sua hierarchia chegou a ganhar notáveis mestres, até na Alemanha kaiserista. Em algumas universidades officiaes, mesmo em nações colonizadoras, interessadas «et pour cause», na questão, ouviavam-se affirmativas desta ordem: Os caracteres mentaes dos campos europeus são essencialmente semelhantes aos dos povos primitivos no mundo inteiro... Desde que se modifiquem as condições do meio em que vivem taes primitivos nada impedirá seu aperfeiçoamento progressivo...

E quem falava assim era sir Charles Myers, professor de Pay-

chologia experimental na Universidade de Cambridge, depois de haver passado um anno inteiro nas ilhas do estreito de Torres e em Borneo, e tempo ainda mais longo no Sudan, sempre entre malsinados «inferiores».

A attitude do Japão, que pelo órgão de seus representantes, Saionji, Kondo e Yusen Kaisha, vai combater os «anthropo-sociologos» da Conferencia da Paz, é tanto mais sympathica, quanto o império passou a fazer parte do rol das grandes potencias, depois que mostrou aos brancos, em 1905, para quanto servem os amarellhos...

Individualmente, elle nada parece pedir para si.

Mas... «O futuro a Deus pertence». A providencia dos nipponês leva-os á defesa do citado «espírito de humanidades».

E a nossa? Pois haverá no mundo paiz mais interessado no desmantello das theorias que tem servido para justificar o dominio colonial dos immodestos eurasiatricos?

De todas as questões que se hão de conjugar na Conferencia, nenhuma é por certo mais irritante nem de interesse mais elevado.

Por outro lado, nenhuma é tão ligada ao estabelecimento de uma era de paz definitiva entre os homens. O professor Adler, da Columbia University N. Y., mostrava, ha algum tempo, que a humanidade só poderá vir a constituir-se em um «Corpus organicum spirituale» no dia em que todos reconhecerem a realidade da influencia reciproca das diversas culturas, aproveitando cada qual o que os

outros tiverem de bom, por mais humildes e modestos que sejam.

E' fóra de duvida que, a não ser as lutas decisivas que se insculpiram na historia com os titulos de Verdun, Marne, Soissons, e tantos outros, a guerra nada trouxe mais emocionante, para os estudiosos, do que os problemas ora debatidos na mesa da paz. E', certo, muito interessante para nós, brasileiros, saber de que modo se resolverão em nações, as «anarchias» da Europa Central. Acompanhemos curiosos e sympathicos a nova aurora Tcheco, a resurreição de Praga, com o seu prestigio de cidade capital de um povo artista e trabalhador. Mas... indagamos, anciosos, que pensarão dos «povos atrazados» os donos da hora mundial, e formemos ao lado do Japão.

Ao que parece, elle está sendo muito mais «occidental» que os outros...

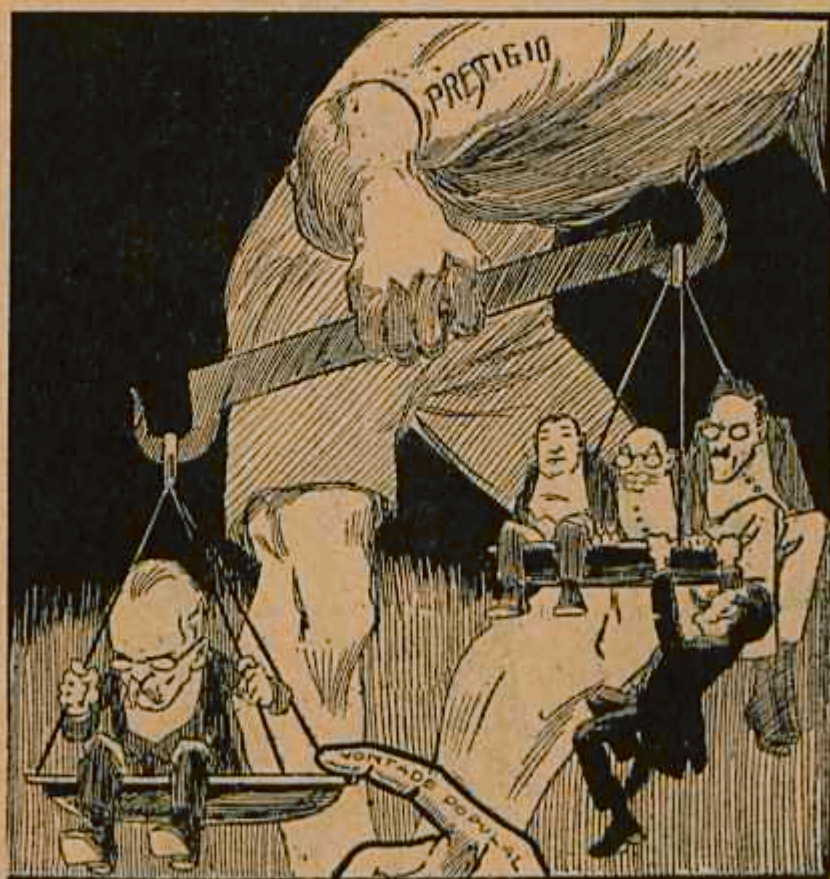
ROQUETTE PINTO — Do «Imparcial», Rio.

Padaria espiritual.

Nota-se na Paulicéa um movimento de revivescencia na industria e no commercio de livros. Organizam-se empresas novas e novas livrarias se abrem. Surgiu, renascida das cinzas cearenses, a Padaria Espiritual da Casa Freire. A Casa Freire!... Quem a não conhece atravez dos annuncios originalissimos por meio dos quaes a popularizou o rijo e intelligente caboclo cearense que é o sr. José da Cunha Freire? Num louvavel progredir o intrepido filho da terra dos «verdes mares» ascendeu do prosaica panella de pedra á bibliophilia, e vem assim formar ao lado de quantos, fazendo ou vendendo livros, contribuem para romper as trevas da ignorancia que envolvem o paiz. Temos esperanças de noticiar no proximo numero a entrada em scena de novos padeiros e novas padarias espirituaes — signal evidente que ha fome... intellectual. Ainda bem!

AS CARICATURAS DO MEZ

CANÇÃO POLITICO-CARNEVALESCA



Chega a sê um desaforo
Querô-se elles compará:

— Balança que peza ouro
Não peza os outros metá.

(CALIXTO — D. Quixote — Rio).

O GRITO DE GUERRA



Carnaval na rua!

(J. CARLOS — Careta — Rio).

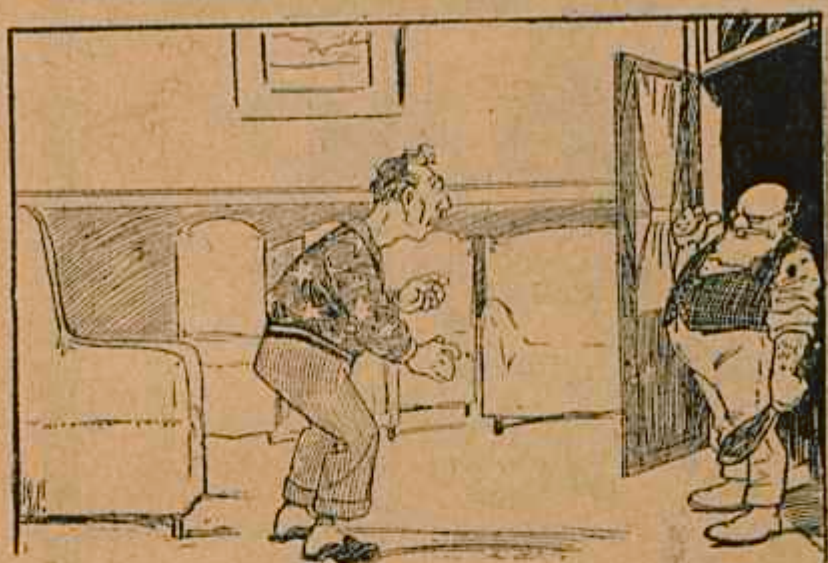
ESTRATAGEMA



- Que fantasia exquisita!
— Qual fantasia! minha mulher escondeu toda a roupa para eu não saber.

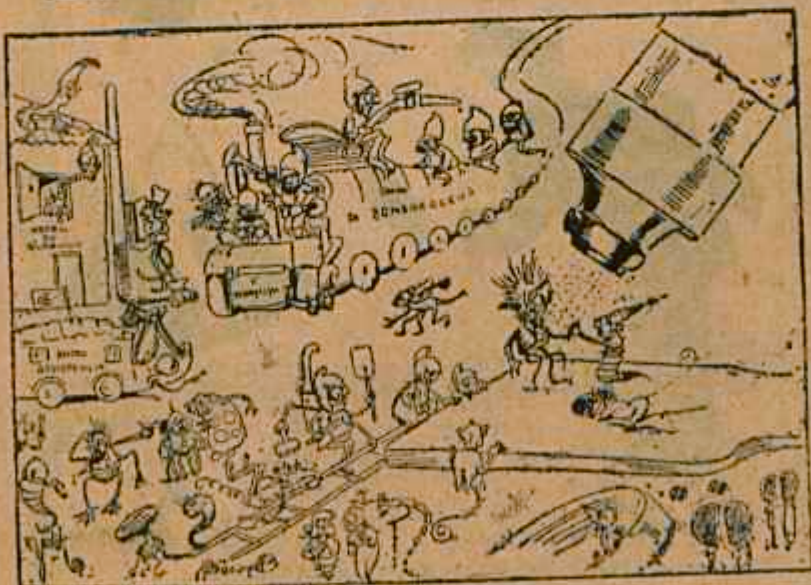
(RAUL — D. Quixote — Rio).

A "DELIVRANCE," NA CONVENÇÃO



O Mexico — «Seu» Brasil, é menino o . . . prodígio.
(CALIXTO — D. Quixote — Rio).

UM PANICO NA MICROBIOLANDIA



O microbio da «hespanhola» vendo-se descoberto pelo microscópio
dá o alarme.
(YANTOR — D. Quixote — Rio).

CARRO N. 4



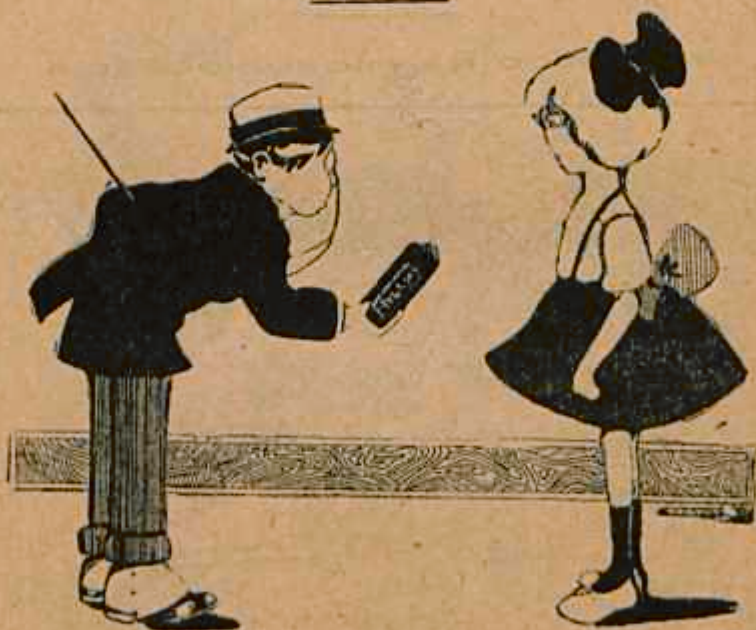
O homem é o unico animal que pensa... que o não é.

(CALIXTO—D. Quixote—Rio)



Ora belas, anguli o phone com orelha!

(YANTOK—D. Quixote—Rio)



NÃO ME DESPRESE, CLARITA.
SEU ODIOSINHO RECALQUE;
QUE EU LHE OFFERECA PERMITTA
UM TABLETTE DE FALCHI.

98 %

dos engenhos de canna em funcionamento no Brasil têm a marca "CHATTANOOGA,,

Isto é a melhor prova da superioridade dos celebres e legitimos engenhos de canna "CHATTANOOGA,, dos quaes somos os unicos vendedores no Brasil, onde elles funcionam ha 15 annos.

Os eixos dos engenhos "CHATTANOOGA,, são positivamente de aço de primeira qualidade. O mesmo não acontece com os engenhos de outras marcas, pois quasi todos elles têm o eixo de ferro.

Temos destes engenhos para qualquer capacidade de producção diaria, accionados a força animal, a força d'agua e a força motora.

Os Srs. Lavradores ajuizados devem, pois, continuar a dar preferencia aos engenhos «CHATTANOOGA». Elles são melhores e custam menos do que os de outras marcas.

PEÇAM NOSSO CATALOGO N. 42

F. UPTON & C.

Largo de S. Bento, 12
SÃO PAULO

Avenida Rio Branco N. 13
R. DE JANEIRO



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDIDOS:

DR. RENATO KEHL. — Es-
pecialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 118. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifácio,
8-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico, S. Cruz do Rio Pardo —
São Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 às 11 e das 14
às 16 horas. Rua Barão de Itape-
tininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR,
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escriptorio: Traves-
sa do Commercio, 7 — Telephone
n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio,
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lima, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central) —
Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Republica
para ambos os sexos. — Rua Carlos
Gomes, 50 — Acacio G. de Paula
Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura, — Revistas. —
Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76

TELEPH. NORTE, 5667

End. Tel. "LIVROMOND" - Caixa Postal, 785 - RIO DE JANEIRO

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROL

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. ☐☐

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

DE
Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

JEANSELME

LEPRA

COQUELUCHE

O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Montairo Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, à Rua das Palmeiras, 12, é o específico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A' venda em todas as drogarias e farmacias

Depositar: **JOÃO LOPES** ☺ Rua 11 de Agosto, 35 ☺ **SÃO PAULO**

ALMEIDA SILVA & CIA

Importadores de

**Ferragens, Louças,
Tintas e Oleos**

Ender.: Electr. "AMSDIAS"

Código Ribeiro

Rua General Carneiro, 13

S. PAULO

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidades em

Artigos Domesticos e Artigos para Encorar

P. R. AMARAL IMPORTADOR

LARGO DO AROUCHE, 83 - Telephone N. 1978 Central **SÃO PAULO**

Phosphoros
Segurança

Marca

Os unicos que



Casa Nathan
S. Paulo

"TREVO"

se exportam.

GOSAR
É
FUMAR

37

MISTURA
DA
MODA

A' ILLUMINADORA



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e
11/2 Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, R. DA BOA VISTA - S. PAULO

LEBRE FILHO & C.^{IA}

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos
afamados Charutos Pooch.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

S. PAULO

Caixa Postal, 458

SEMENTES.

PLANTAS.

BOUQUETS.

DECORAÇÕES

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem.

FILIAL:

Campinas

Guanabara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca

(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CASA DE SAUDE

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio do Juquery

Medico Interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1897 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, arborizados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de lazer, fornece aos seus doentes o melhor tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãos de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, próximo à Casa de Saúde (Altos das Perdizes).

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO**

Telephone, 560

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

LIMA BARRETO

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá

Acabá de ser posto a venda o novo romance do testejado autor do "TRISTE FIM DE POLYCARPO QUQUESMA". E' um magnifico estudo da vida carioca sob alguns aspectos quasi ineditos ou pelo menos nunca tratados com a superioridade com que o faz o emerito romancista.

PREÇO 2\$000

PELO CORREIO
MAIS 300 RÉIS.

Pedidos á **Revista do Brasil** CAIXA, 2-B
SÃO PAULO

MARIO SETTE

ROSAS e ESPINHOS

MAGNIFICA collecção de contos nortistas onde os scenarios e os costumes de Pernambuco são pintados ao vivo com a arte caracteristica do apreciado belletrista do «AO CLARÃO DOS OBUZES».

PREÇO 4\$000

PELO CORREIO
MAIS 400 RÉIS

Pedidos á "Revista do Brasil," CAIXA 2-C
S. PAULO

Joaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57-(en face de la Galeria)

Pierres précieuses -- Brillants -- Perles -- Orfèvrerie -- Argent -- Bronzes
et Marbres d'Art -- Services en Métal blanc inalterable.

MAISON Á PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

Etablissements Bloch

❖ *Société
Anonyme
au Capital de 4.500.000 francos.*

*Fazendas
e Tecidos*

R. de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 13

Paris - 26, Cité de Trévise

As máquinas

Lidgerwood

para CAFÉ, MANDIOCA, ASSUCAR,
ARROZ, MILHO, FUBÁ

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil.

Grande stock de Caldeiras, Motores a va-
por, Rodas de agua, Turbinas e accessorios
para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco
Ferro em barra - Canos de ferro
galvanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer ma-
chinas, canos de ferro batido galvanisado pa-
ra encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orça-
mentos, etc., dirigir-se a

R. S. Bento 29^c S. Paulo

